

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARÍLIA GABRIELA RÚBIO

**UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONALISTA DAS PROPOSIÇÕES RELACIONAIS
ESTABELECIDAS POR ORAÇÕES PARATÁTICAS ADITIVAS E POR ORAÇÕES
PARATÁTICAS JUSTAPOSTAS: RELAÇÕES RETÓRICAS DE LISTA, DE
SEQUÊNCIA, DE CONDIÇÃO E DE RESULTADO**

MARINGÁ – PR
2011

MARÍLIA GABRIELA RÚBIO

**UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONALISTA DAS PROPOSIÇÕES RELACIONAIS
ESTABELECIDAS POR ORAÇÕES PARATÁTICAS ADITIVAS E POR ORAÇÕES
PARATÁTICAS JUSTAPOSTAS: RELAÇÕES RETÓRICAS DE LISTA, DE
SEQUÊNCIA, DE CONDIÇÃO E DE RESULTADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio

MARINGÁ – PR
2011

Rúbio, Marília Gabriela
R896i Uma investigação funcionalista das proposições relacionais estabelecidas por orações paratáticas aditivas e por orações paratáticas justapostas: relações retóricas de lista, de sequência, de condição e de resultado. / Marília Gabriela Rúbio. – Maringá : 2011.

89 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011

Orientador: Prof. Doutor Juliano Desiderato Antônio

1. Estrutura Retórica do Texto (RST) 2. Construções Paratáticas 3. Relações Retóricas 4. Tempo I. Autor II. Título.

CDD 808.5

MARÍLIA GABRIELA RÚBIO

UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONALISTA DAS PROPOSIÇÕES RELACIONAIS ESTABELECIDAS POR ORAÇÕES PARATÁTICAS ADITIVAS E POR ORAÇÕES PARATÁTICAS JUSTAPOSTAS: RELAÇÕES RETÓRICAS DE LISTA, DE SEQUÊNCIA, DE CONDIÇÃO E DE RESULTADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em **13 de abril de 2011**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
Universidade Estadual de Maringá - UEM
Presidente da Banca – Orientador

Profa. Dra. Maria Regina Pante
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Dedico este trabalho à minha mãe, meu tesouro mais precioso.

AGRADECIMENTOS

Aos meus anjos da guarda, avó Áurea e “dindinha” Marlene (*in memoriam*), por serem exemplos de coragem e fé;

À minha mãe, Mariza, a maior responsável pela concretização deste sonho, dedicando a mim seu amor incondicional e sua total confiança;

À minha irmã e melhor amiga, Milena, pela cumplicidade e amizade durante toda a minha vida;

Ao meu generoso e bondoso pai, que sempre me ofereceu seu ombro amigo, apoiando-me nos momentos mais importantes de minha trajetória;

Aos meus amigos, por me mostrarem que o poder da amizade é enobrecedor;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio, exemplo de generosidade, de sabedoria e de profissionalismo;

Aos professores convidados para a participação na Banca examinadora, Profa. Dra. Maria Regina Pante (UEM) e Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG), pelo aceite imediato do convite e pelas valiosas contribuições;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, em especial Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio, Profa. Dra. Ana Cristina Jaeger Hintze, Profa. Dra. Maria Regina Pante e Prof. Dr. Renilson José Menegassi, pelas experiências e ensinamentos compartilhados;

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelo auxílio e pela paciência;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão de bolsa de estudos;

E, sobretudo, a Deus, amigo fiel e conselheiro inigualável.

“Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar como as relações retóricas de lista, de sequência, de condição e de resultado foram estabelecidas por meio de orações coordenadas aditivas, orações coordenadas justapostas e complexos oracionais formados por orações coordenadas aditivas e por orações coordenadas justapostas. A pesquisa foi fundamentada na Teoria da Estrutura Retórica (RST – *Rhetorical Structure Theory*), teoria descritiva que tem como objeto estudar as relações que se estabelecem entre as partes de um texto. O *corpus* da pesquisa foi constituído de cinco elocuições formais do tipo aula que fazem parte do banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná). As elocuições formais foram transcritas de acordo com o padrão baseado nas normas do projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), com algumas adaptações, e segmentadas em unidades de entonação, segundo Chafe (1987). Feita a análise do *corpus*, observou-se que, na relação de lista, os complexos oracionais formados por duas orações foram os mais frequentes e que o conectivo *E* foi o único utilizado pelos informantes do *corpus* para estabelecer essa relação. A correlação modo-temporal mais utilizada com a relação de lista foi de formas verbais no presente do indicativo. As ocorrências da relação de lista foram consideradas simétricas, ou seja, os elementos coordenados puderam permutar de posição sem que houvesse alteração semântica, com algumas exceções: em um dos casos, houve uma gradação de argumentos, ou seja, o último elemento coordenado retomava os elementos anteriores; no outro, os elementos coordenados não puderam sofrer alteração por uma questão referencial. Ao investigar-se a relação de sequência, constatou-se que os complexos oracionais formados por duas orações foram os mais utilizados pelos informantes do *corpus* e, quando houve a adição entre os membros coordenados, fez-se apenas o uso do conectivo *E*. Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, todas as ocorrências do *corpus* foram consideradas assimétricas, ou seja, os elementos coordenados não podem permutar, uma vez que a relação de sequência pressupõe a subsequência temporal. Observou-se, também, que, quando o falante relatou um evento pretérito (perfeito e imperfeito), ele priorizou a relação de sequência devido à sua necessidade de narrar ou relatar um evento ocorrido que, conseqüentemente, deve seguir a ordem icônica. A relação de condição, por sua vez, foi expressa apenas por orações coordenadas justapostas, isto é, quando as orações coordenadas se uniram sem o uso de um conectivo, pois, apesar da coordenação sintática, houve uma subordinação semântica com valor causal que permitiu uma leitura condicional. Essa subordinação semântica foi responsável pela assimetria em todas as ocorrências desse tipo de relação no *corpus*. O evento pretérito apareceu praticamente em todas as ocorrências, visto que os eventos coordenados obedeceram uma ordenação icônica que foi da causa para a consequência. Já a relação de resultado foi expressa por orações aditivas e/ou por complexos oracionais formados por oração aditiva e por oração justaposta, uma vez que, para se estabelecer a relação de resultado, foi obrigatória a presença dos conectivos *e aí*, *e daí*, *e com isso*, *aí* e *daí* enquanto MDs (marcadores discursivos). Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, as relações de resultado foram consideradas assimétricas, pois o evento veiculado por uma oração foi resultado do evento veiculado por outra oração. No que se refere ao modo e ao tempo verbal, o evento pretérito apareceu praticamente em todas as ocorrências, porque o falante estava tratando um evento que ocorreu como resultado de outro.

Palavras-chave: estrutura retórica do texto (RST); construções paratáticas; relação de lista; relação de sequência; relação de condição; relação de resultado

ABSTRACT

This study aimed to investigate how the rhetorical relations of the list, the sequence, the condition and the results were established by means of coordinated additive and juxtaposed coordinated sentences and clause complexes formed by juxtaposed and additive coordinated sentences. This survey was based on Rhetorical Structure Theory (RST - Rhetorical Structure Theory), descriptive theory which aims to study the relationships established between the parts of a text. The research corpus consisted of five formal utterances of the type classes Database of Funcpar (Functionalist Research Group of North / Northwest of Paraná). The formal utterances were transcribed according to the pattern based on design standards NURC (Rio de Janeiro Oral Polite Norms Project), with some adjustments, and segmented into intonation units, according to Chafe (1987). After the Corpus analysis made, it was observed that, in relation to the list, the complex formed by two Oration Clauses were the most frequent and that And was the only connective used by informants conducts corpus for this relationship. The way-temporal correlation most widely used with the list relationship was about verbal forms is in the present tense. The instances of the relationship of the list were considered symmetrical i.e., the coordinated elements could switch positions without semantic alterations, with some exceptions: in one of the cases, there was a gradation of arguments, i.e., the last coordinated element retook the said elements, in the other, the coordinated elements could not be altered for the sake of reference. When investigating the sequence relationship, it was stated that the oration complex formed by two clauses were the most used by the informants of corpus and, when there was the addition among coordinated members, it was only used the connective AND. Regarding to the symmetry/asymmetry parameter, all occurrences of the corpus were considered asymmetric, i.e., the coordinated elements could not switch, since the sequence relationship presuppose the temporal subsequence. It was also observed that when the speaker recounted a past event (perfect and imperfect), it prioritized the sequence relationship due to their need to narrate or report an event that occurred that constantly, must follow the iconic order. The relation of condition, was expressed only by juxtaposed coordinated clauses, it means, when the coordinated sentences got together without using the connective, because despite syntactic coordination, there was a semantic subordination with casual value which allowed a conditional reading. This semantic subordination is the responsible for the asymmetry in all instances of that type of relationship in the corpus. The past event appeared in almost all instances, since the coordinated events followed an iconic sort that went from cause to consequence. In the other hand, the result relation was expressed by additive clauses and / or oration complex formed by additive and juxtaposed clauses, since, to establish the relation of the outcome, it was mandatory the presence of connectives “e aí”, “e daí”, “e com isso”, “aí” and “daí” as MDs (Speech Markers). In what is considered the symmetry/asymmetry parameter, the clauses of results were considered asymmetric because the event conveyed by a clause was the result of an event conveyed by another clause. As regards the mode and tense, the past event appeared in virtually all instances, because the speaker was dealing with an event that occurred as a result of another.

Key words: rhetorical structure of the text; paratactic constructions; List Relation; Sequence Relation; Condition Relation; Result Relation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 - Modelo de interação verbal de Dik	25
Figura 1.2 - Tipos de esquemas utilizados na Teoria da Estrutura Retórica	38
Figura 1.3 – Diagrama arbóreo	38
Figura 1.4 – Esquema de relação núcleo-satélite	39
Figura 1.5 – Esquema de relação multinuclear	39
Figura 2.1 – Estatísticas dos dados da relação de lista	44
Figura 2.2 – Parte do esquema de codificação utilizado na pesquisa	44
Figura 2.3 – Tela do <i>Systemic Coder</i> – codificação dos dados relativos à relação de lista	45
Figura 2.4 – Tela do RSTTool – criação de diagrama da relação de lista	46
Figura 3.1 – relação de lista entre orações coordenadas justapostas	51
Figura 3.2 – relação de lista entre orações coordenadas aditivas	51
Figura 3.3 – complexo oracional formado por orações coordenadas justapostas e por uma oração coordenada aditiva estabelecendo relação de lista	51
Figura 3.4 – complexo oracional formado por orações no infinitivo estabelecendo relação de lista	54
Figura 3.5 – complexo oracional formado por orações no pretérito imperfeito do indicativo estabelecendo relação de lista	55
Figura 3.6 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de lista	55
Figura 3.7 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de lista	56
Figura 3.8 – complexo oracional formado por orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de lista	56
Figura 3.9 – relação de sequência, caracterizada pela assimetria entre as orações que compõem os complexos oracionais	58
Figura 3.10 – relação de sequência entre orações coordenadas aditivas	59

Figura 3.11 – relação de seqüência nos complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e por oração coordenada aditiva	59
Figura 3.12 – relação de seqüência entre orações coordenadas justapostas	60
Figura 3.13 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo	63
Figura 3.14 – complexo oracional formado por orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de seqüência	64
Figura 3.15 – complexo oracional formado por orações no infinitivo estabelecendo relação de seqüência	65
Figura 3.16 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de seqüência	66
Figura 3.17 – complexo oracional formado por orações no imperativo afirmativo	66
Figura 3.18 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e por orações no infinitivo	67
Figura 3.19 – complexo oracional formado por orações no futuro do subjuntivo	67
Figura 3.20 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de seqüência	68
Figura 3.21 – relação de condição entre orações coordenadas justapostas	70
Figura 3.22 – complexo oracional formado por quatro orações, em que se estabelece a relação de condição	71
Figura 3.23 – complexo oracional formado por oração no pretérito perfeito e por oração no presente do indicativo	72
Figura 3.24 - complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo	73
Figura 3.25 - complexo oracional formado por orações no futuro do indicativo	73
Figura 3.26 - complexo oracional formado por orações no pretérito imperfeito do indicativo	74
Figura 3.27 – relação de condição entre orações assimétricas	75

Figura 3.28 - complexo oracional com o MD <i>e aí</i> estabelecendo a relação de resultado	77
Figura 3.29 - complexo oracional com o MD <i>e daí</i> estabelecendo a relação de resultado	77
Figura 3.30 – complexo oracional com o MD <i>daí</i> estabelecendo a relação de resultado	78
Figura 3.31 – complexo oracional com o MD <i>e com isso</i> estabelecendo a relação de resultado	78
Figura 3.32 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no presente do indicativo estabelecendo relação de resultado	82
Figura 3.33 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no pretérito imperfeito do indicativo estabelecendo relação de resultado	83
Figura 3.34 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo estabelecendo relação de resultado	83
Figura 3.35 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e por orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de resultado	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1 - (Dik, 1978, p. 5, traduzido por Neves 1994. p. 46-47)	22
Quadro 1.2 – Correlações entre as categorias da gramática tradicional e o <i>complexing</i> de Halliday	29
Quadro 1.3 – Parataxe, hipotaxe e subordinação	30
Quadro 3.1 – Definição da relação de lista (MANN & THOMPSON, 1988, p. 278, <i>tradução nossa</i>)	49
Quadro 3.2 – Definição da relação de lista (MANN & THOMPSON, 1988, p. 278, <i>tradução nossa</i>)	50
Quadro 3.3 – Frequência de ocorrência das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de lista no <i>corpus</i>	50
Quadro 3.4 – Frequência de ocorrência em relação à quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de lista no <i>corpus</i>	52
Quadro 3.5 - Frequência de ocorrência no que se refere ao tempo e ao modo verbal das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de lista no <i>corpus</i>	53
Quadro 3.6 – Frequência de ocorrência das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de sequência no <i>corpus</i>	58
Quadro 3.7 – Frequência de ocorrência em relação à quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de sequência no <i>corpus</i>	62
Quadro 3.8 - Frequência de ocorrência no que se refere ao tempo e ao modo verbal das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de sequência no <i>corpus</i>	63
Quadro 3.9 – Definição da relação de condição	68
Quadro 3.10 – Frequência de ocorrência em relação à quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de condição no <i>corpus</i>	70
Quadro 3.11 - Frequência de ocorrência no que se refere ao tempo e ao modo verbal das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de condição no <i>corpus</i>	72
Quadro 3.12 – Definição da relação de resultado	75

Quadro 3.13 - Frequência de ocorrência dos MDs que estabelecem a relação de resultado no <i>corpus</i>	76
Quadro 3.14 – Frequência de ocorrência das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de resultado no <i>corpus</i>	78
Quadro 3.15 – Frequência de ocorrência em relação à quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de resultado no <i>corpus</i>	80
Quadro 3.16 - Frequência de ocorrência no que se refere ao tempo e ao modo verbal das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de resultado no <i>corpus</i>	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1.1 – A base funcionalista do trabalho	21
1.2 – Articulação de orações: visão tradicional e visão funcionalista	27
1.3 – Orações coordenadas aditivas e orações coordenadas justapostas	32
1.4 – Teoria da Estrutura Retórica do Texto	36
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	41
2.1 – Coleta e transcrição das elocuções formais	41
2.2 – Quantificação dos dados	43
2.3 – Parâmetros de Análise	46
2.4 – Objetivos do Trabalho	47
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS	49
3.1 – Relações de lista e sequência	49
3.2 – Relação de condição	68
3.3 – Relação de resultado	75
3.4 – Principais características formais das relações investigadas no trabalho	85
CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
ANEXO A – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO	93

INTRODUÇÃO

Até a primeira metade do século XX, os estudos linguísticos privilegiavam os aspectos formais da língua, considerando a frase o nível máximo de análise. Com o surgimento de teorias que têm como objeto o estudo da língua em uso, o texto e o discurso passaram a ser considerados objetos de investigação da Linguística (KOCH, 1988). Dentre essas teorias que incluem em suas análises fatores pragmáticos estão as chamadas teorias funcionalistas. Do ponto de vista dessas teorias, as expressões linguísticas, segundo Antonio (2009b), não são estudadas isoladamente, mas levando-se em conta os propósitos para os quais foram utilizadas nos textos em que ocorrem.

As relações que se estabelecem entre as partes do texto e entre as orações são importantes para conferir unidade ao texto, tornando-o coerente. Os falantes, ao produzirem o seu discurso, esperam atingir seus propósitos de comunicação sobre seu destinatário, seja para persuadir, levar a acreditar, levar a concordar, seja para informar.

Uma teoria que tem como escopo o estudo dessas relações que se estabelecem entre partes do texto é a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* - RST), desenvolvida na década de 1980 pelos linguistas William Mann, Christian Matthiessen e Sandra Thompson, dentre outros. A RST é uma teoria de caráter descritivo que procura estudar a organização textual por meio das relações implícitas que se estabelecem entre as partes do texto.

A identificação das relações apoia-se em critérios funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto e verificar a maneira como o texto produziu o efeito desejado em seu receptor. Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto e tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido, mas não tem acesso direto ao produtor do texto, não podendo afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (MANN E THOMPSON, 1988). Dessa forma, as proposições relacionais são fundamentais para a coerência do texto, já que surgem de cada relação estabelecida dentro de sua estrutura e, por isso, não precisam ser expressas, necessariamente, por algum marcador formal (ANTONIO, 2009a).

Taboada e Gómez-González (2005) afirmam que há duas questões relevantes a serem analisadas na identificação das relações: mostrar como as relações implícitas podem ser identificadas e como as relações marcadas formalmente podem ser interpretadas claramente. Este trabalho procura, de certa forma, tocar nessas questões, conforme pode ser observado nos objetivos propostos a seguir.

Como objetivo principal, propõe-se a investigação, em um *corpus* constituído de 5 elocuições formais do tipo aula, das relações retóricas de lista, de sequência, de condição e de resultado, estabelecidas por orações coordenadas aditivas, por orações coordenadas justapostas ou por complexos oracionais formados por oração coordenada aditiva e oração coordenada justaposta.

Outro objetivo deste trabalho é tentar descrever as marcas linguísticas que podem auxiliar na identificação dessas relações e procurar explicar, a partir do levantamento dos dados, como essas marcas podem ajudar na distinção entre as relações. Pretende-se, dessa forma, contribuir para uma melhor caracterização da expressão linguística dessas relações na modalidade oral do português brasileiro.

Esta pesquisa encontra justificativa no fato de, a partir da descrição de como são expressas as relações, auxiliar possíveis trabalhos de ensino de escrita que tomam por base a RST. Além disso, essa descrição também pode auxiliar nos trabalhos de Linguística Computacional que, com base na RST, tratam de sumarização e geração de textos. A descrição desses parâmetros tem como virtude permitir uma identificação mais segura e com menor margem de erro das relações pelo computador.

Em termos de estrutura o trabalho foi dividido em Introdução, Fundamentação Teórica (capítulo I), Procedimentos Metodológicos (capítulo II), Análise dos dados (capítulo III) e Conclusão.

No capítulo I, apresentam-se os seguintes tópicos: a base funcionalista do trabalho, articulação de orações: visão tradicional e visão funcionalista, orações coordenadas aditivas e orações coordenadas justapostas e Teoria da Estrutura Retórica do Texto.

O capítulo II trata dos procedimentos metodológicos da pesquisa, divididos em: coleta e transcrição das elocuições formais, quantificação dos dados e parâmetros de análise.

No capítulo III, é realizada a análise dos dados quantificados no que se refere à maneira como as relações de lista, de sequência, de condição e de resultado são expressas linguisticamente por meio de orações coordenadas aditivas, orações coordenadas justapostas e complexos oracionais formados por orações coordenadas aditivas e orações coordenadas justapostas. A análise é pautada nos parâmetros tipo de conectivo, correlação modo-temporal, simetria, quantidade de orações que compõem o complexo oracional.

Por fim, apresentam-se as conclusões a que se chegou após a análise dos dados.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, dividido em quatro seções, são apresentados os fundamentos teóricos que embasam este trabalho. Primeiramente, apresentam-se alguns pressupostos básicos do funcionalismo, quadro teórico-metodológico no qual se baseia o trabalho. Em seguida, discute-se como a articulação de orações, priorizando a parataxe, é estudada nas visões tradicional e funcionalista. O terceiro item trata das orações coordenadas aditivas e das orações coordenadas justapostas, conforme Pezatti e Longhin-Thomazi (2008). Por fim, analisam-se os principais pressupostos teóricos da Estrutura Retórica do Texto (RST).

1.1 A base funcionalista do trabalho

A linguística moderna originou-se com o *Cours de Linguistique générale* (1916), de Saussure. Ele selecionou seu objeto de estudo opondo língua à fala. O mestre de Genebra concebia a língua (ou *langue*) como o conjunto das regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que determinam o emprego dos sons e das formas necessários para a produção dos significados. A língua é um conceito social, já que pré-existe em cada falante individualmente. A fala (ou *parole*), por sua vez, é colocada em ação por um falante, tendo, assim, uma liberdade de combinações; logo, é particular do indivíduo (MARTELOTTA & AREAS, 2003).

A opção de Saussure por estudar a língua, sistema homogêneo sem sofrer influência externa, é uma característica marcante das correntes linguísticas que compõem o chamado polo formalista. Para Chomsky (1957), um dos maiores nomes vinculados a esse polo, a análise das línguas deve determinar as propriedades estruturais que distinguem a língua natural de outras e, dessa forma, acredita-se que essas propriedades são abstratas, complexas e específicas que não poderiam ser aprendidas do zero por uma criança em fase de aquisição da linguagem; portanto, ela é uma capacidade inata e própria da espécie. Essa parte do conhecimento linguístico do falante que lhe permite produzir o conjunto de sentenças de sua língua é denominada *competência linguística*.

No outro lado, encontra-se o polo funcionalista, que concebe a língua como instrumento de comunicação, não podendo, assim, ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, já que pode ser influenciada

nas diferentes situações comunicativas (MARTELOTTA, 2003). Segundo Neves (1997, p.49-50), “a aquisição da linguagem dá-se em termos de desenvolvimento das necessidades e habilidades da criança”, ou seja, sua compreensão vem de sua experiência com a língua em situações de uso. Logo, os seres humanos utilizam a linguagem de modo comunicativamente eficaz. Em vez de considerar apenas a competência linguística, o polo funcionalista leva em conta a *competência comunicativa*, entendida como a capacidade que os indivíduos têm de codificar e de decodificar expressões, assim como de usar e de interpretar essas expressões de um modo satisfatório (NEVES, 1997).

Uma abordagem funcionalista de uma língua natural sempre tem como objetivo o interesse de verificar como se obtém a comunicação com essa língua ou como os usuários dessa língua utilizam-na para se comunicar entre si de maneira eficiente. O que se põe sob análise, portanto, é a chamada *competência comunicativa*.

Diante do que foi exposto, é possível distinguir visivelmente dois polos: o formalista e o funcionalista. Suas principais características podem ser definidas e sintetizadas no quadro elaborado por Dik (1978), traduzido por Neves (2004):

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
Principal função da língua	Expressão do pensamento.	Comunicação.
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e o uso	O estudo da competência tem prioridade sobre a atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/sistema	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se com uso de propriedades inatas,	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e

	com base em <i>input</i> restrito e não-estruturado de dados.	estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais linguísticos	Propriedades inatas do organismo humano.	Explicados em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Quadro 1.1 - (Dik, 1978, p. 5, traduzido por Neves 1994. p. 46-47)

Para Pezatti (2004), a linguística funcional apoia-se nas funções que exercem as unidades estruturais que são, em sua maioria, de motivação funcional, isto é, a linguagem é vista como um instrumento, cuja forma se adequa às funções. O enfoque da linguagem como uma ferramenta de interação social tem por objetivo mostrar a instrumentalidade da linguagem em termos de situações sociais. Nas palavras de Dik (1989, p. 168), “a principal característica funcionalista é descrever a linguagem como requisito pragmático da interação social, concebendo uma teoria integrada a um modelo de usuário de língua natural e não como um fim de si mesmo”.

Dik (1989) considera, também, que a organização de línguas naturais, na visão da gramática funcional, tem como objetivo a construção de um modelo *de usuário de língua natural* (ULN). Assim, são consideradas as seguintes capacidades humanas:

- 1º) capacidade linguística: o ULN produz e interpreta, corretamente, as expressões linguísticas em diversas situações comunicativas;
- 2º) capacidade epistêmica: refere-se ao conhecimento do ULN, uma vez que é capaz de obtê-lo e de mantê-lo a partir de expressões linguísticas;
- 3º) capacidade lógica: possuindo certos conhecimentos, o ULN é capaz de originar conhecimentos adicionais por princípios de lógica dedutiva;

4º) capacidade perceptual: o ULN é capaz de identificar o ambiente comunicativo, adequando sua expressão linguística a ele;

5º) capacidade social: o ULN sabe *o que* dizer e *como* dizer a determinado interlocutor em uma situação comunicativa particular.

Com isso, a interação social, segundo Dik (1989), é vista como uma atividade estruturada, pois obedece a normas e a convenções, e cooperativa, visto que necessita de pelo menos dois participantes para ser realizada. Esses participantes precisam de certos instrumentos, denominados *expressões linguísticas*. Essas expressões são governadas por regras que determinam sua formação. Sob o ponto de vista funcional, a análise linguística envolve dois tipos de sistemas de regras, estudados simultaneamente. São eles:

1º) as regras que determinam a formação de expressões linguísticas (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas).

2º) as regras pragmáticas, ou seja, as que dominam os padrões de interação verbal em uso.

De acordo com a Gramática Funcional, uma das correntes funcionalistas, (doravante FG, *Functional Grammar*), a língua deve ser considerada, em primeiro lugar, como instrumento de interação social. Seu objetivo principal, segundo Dik (1997), refere-se à interação social entre os seres humanos.

Nesse contexto, a principal função de uma língua natural é estabelecer relações comunicativas entre os seus usuários. Conseqüentemente, o uso da língua requer no mínimo dois participantes: um falante (S - *speaker*) e um destinatário (A - *addressee*).

Dik (1989) apresenta um modelo no qual, em qualquer estágio de interação verbal, tanto o falante (S) quanto o ouvinte (A) possuem certa informação pragmática, conforme a figura a seguir:

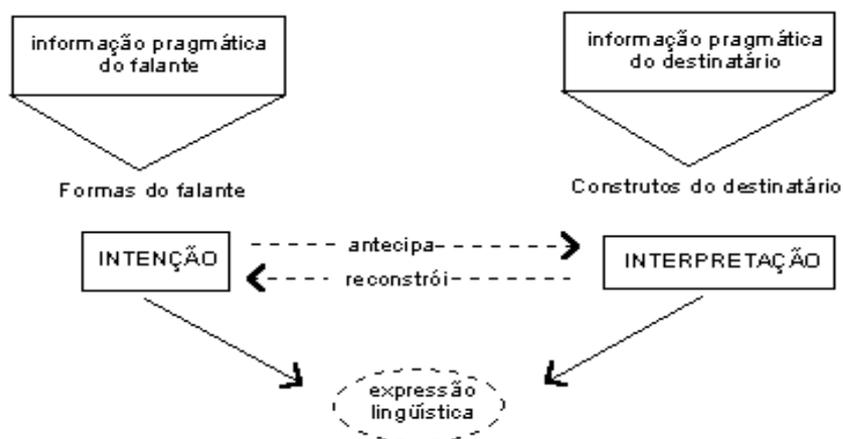


Figura 1.1 – Modelo de interação verbal de Dik

A informação pragmática, ponto de partida da interação verbal, refere-se ao conjunto de conhecimentos, de crenças, de suposições, de opiniões, de sentimentos disponíveis a um indivíduo em qualquer momento da interação. A informação pragmática pode ser dividida em três componentes principais:

- a) informação geral: informação de longo prazo a respeito do mundo, suas características naturais e culturais e outros mundos possíveis e imaginários;
- b) informação situacional: a informação deve motivar os participantes a perceberem ou a experimentarem a situação em que a interação ocorre;
- c) informação contextual: expressões linguísticas que são trocadas antes ou depois de algum ponto dado da interação verbal.

A informação pragmática do falante e a informação pragmática do destinatário serão muitas vezes compartilhadas, mas haverá casos em que a informação somente será disponível para S ou para A.

Ainda com base nesse modelo de interação verbal, a expressão linguística faz-se em função da intenção do falante, de sua informação pragmática e da antecipação da interpretação do ouvinte; enquanto a interpretação do ouvinte se dá em função da expressão linguística, da informação pragmática e de como ele reconstrói a intenção comunicativa do falante.

A intenção do falante é, pois, provocar certas mudanças na informação pragmática do ouvinte. E é nesse momento que um plano mental é elaborado, tendo

em vista, exclusivamente, a modificação que o falante quer que ocorra no ouvinte. Essas mudanças podem ser:

- adições: o falante fornece alguma informação que o ouvinte não dispunha antes;
- substituições: a informação do ouvinte é substituída pela informação do falante no momento da interação;
- lembretes: quando o ouvinte se torna ciente de alguma informação dada pelo falante, da qual não se recordava no momento da interação.

A FG ressalta que a intenção do falante e a interpretação do ouvinte são mediadas, e não estabelecidas pelas expressões linguísticas.

De acordo com a Gramática Sistêmico-Funcional (doravante SFG, *Systemic Functional Grammar*), corrente funcionalista desenvolvida por Halliday, o sistema linguístico está intrinsecamente ligado ao sistema social, ao *uso* (HALLIDAY, 1973). A perspectiva funcionalista de Halliday leva em consideração, nos estudos sobre a linguagem, um conjunto de situações comunicativas em que ocorre um processo linguístico. Esse conjunto de situações comunicativas corresponde aos interlocutores, às condições de produção e à dinâmica do ato comunicativo.

Ao desempenhar os papéis em um evento de fala, o falante e o destinatário colocam-se como sujeitos desse evento, dividindo-se em tipos diversos de pessoas sociais e categorias sociais. Halliday (1985) formulou um esquema, em que, de acordo com sua concepção, as funções básicas da comunicação dividem-se da seguinte forma:

a) interpessoal: é a interação que ocorre entre falante e destinatário, ou seja, os falantes utilizarão recursos gramaticais que lhes possibilitem assumir papéis na interação dialógica para estabelecer, trocar e manter relações interpessoais;

b) ideacional: a linguagem tem como finalidade a manifestação de conteúdos que estejam ligados à experiência que o falante possui do mundo concreto, real ou de seu universo subjetivo. A construção das experiências do falante como um fluxo de acontecimentos se dá por meio de configurações estruturais que contêm um processo (verbo), os participantes envolvidos no processo (argumentos) e as circunstâncias relacionadas a ele (circunstâncias);

c) textual: a metafunção textual é intrínseca à linguagem, isto é, orienta em relação aos fenômenos linguísticos, enquanto as outras duas metafunções citadas acima

orientam em direção a dois fenômenos extralinguísticos: mundo social (interpessoal) e mundo natural (ideacional). A metafunção textual permite a apresentação de conteúdo interpessoal e ideacional como informação que pode ser compartilhada, fornecendo estratégias para a interpretação do texto.

Segundo Neves (1997), o modelo da teoria de Halliday é Sistêmico-Funcional, pois propõe uma teoria funcionalista sistêmica e busca a resposta para o porquê de um falante escolher determinados itens dentre os tantos disponíveis naquela língua para construir o seu enunciado.

Um ponto em comum entre as principais correntes funcionalistas da atualidade é considerar que a linguagem tem como função básica a interação verbal. Entretanto, para Nichols (1984), as correntes funcionalistas podem ser divididas em três grupos: conservadoras, moderadas e extremadas. Segundo Van Valin (2002), as correntes conservadoras são uma extensão da análise formalista, uma vez que não a alteram, apenas acrescentam princípios funcionais ao modelo formalista. Já as teorias moderadas – como a FG – para Van Valin (2002), rejeitam a concepção de estrutura gramatical proposta nas teorias formais, apresentando um modelo alternativo que propõe que a estrutura gramatical é influenciada pela semântica e pela pragmática. E, por fim, as correntes extremadas, de acordo com Van Valin (2002), rejeitam a existência de uma estrutura linguística e consideram que a gramática é fortemente influenciada pelo discurso.

Butler (2005) menciona que, se os funcionalistas realmente consideram a função comunicativa da língua como primordial, conseqüentemente a gramática desses modelos teóricos não pode se limitar ao nível da oração, mas deve analisar toda a estrutura do discurso, bem como sua função em seus contextos de produção e de recepção.

1.2 Articulação de orações: visão tradicional e visão funcionalista

A articulação de orações na visão tradicional, de acordo com Bechara (2009) e Cunha (1983), é estudada a partir da classificação do “período composto” (quando formado por duas ou mais sentenças). O período composto, segundo a Gramática Tradicional (doravante GT), forma-se através de dois processos sintáticos: a coordenação e a subordinação. Ocorre a coordenação quando há uma

independência sintática entre as orações, ou seja, ambas reúnem em si todas as funções de que se necessita para se constituírem por si só unidades do discurso, ao passo que, na subordinação, há uma dependência sintática entre elas.

As orações coordenadas, um dos focos de estudo deste trabalho, podem se unir sem conectivo como no exemplo (a) - as chamadas justapostas - ou com a presença de conectivos. Neste caso, a GT classifica a oração coordenada conforme as conjunções coordenativas que as introduzem, como: (b1) aditivas, (b2) adversativas, (b3) alternativas, (b4) conclusivas e (b5) explicativas.

(a) As horas passam, os homens caem, a poesia fica.
(Cunha, 1983, p. 399)

(b1) O velho teme o futuro e se abriga no passado.
(Bechara, 1983, p.219)

(b2) Não sou barqueiro de vela, mas sou um bom remador.
(Cunha, 1983, p. 402)

(b3) Não se trata de ser caro ou barato.
(Neves, 2000, p. 773)

(b4) O dia está agradável, por isso devemos aproveitá-lo.
(Bechara, 1983, p. 224)

(b5) Estude, que todos passarão a apreciá-lo.
(Bechara, 1983, p. 224)

Para o funcionalismo, baseado no modelo do complexo de orações de Halliday (1985), há duas dimensões para a interpretação dos elementos de um complexo: o sistema tático ou de interdependência e o sistema de relações lógico-semânticas. O complexo de orações é entendido por Halliday como uma sequência de orações estruturalmente ligadas.

O sistema tático estabelece dois tipos de interdependência: a parataxe e a hipotaxe. No primeiro caso, a relação ocorre entre elementos de mesmo estatuto, sem que um dependa do outro. No segundo caso, o estatuto dos elementos não é igual, isto é, um elemento modifica o outro, sendo o modificador dependente do modificado.

O sistema de relações lógico-semânticas refere-se à relação entre os processos e pode ser estabelecido por expansão ou por projeção. A expansão ocorre de três formas: (1) elaboração – uma oração pode expandir a outra

reafirmando seu conteúdo; (2) extensão – uma oração pode expandir a outra acrescentando um novo elemento; (3) realce – uma oração pode expandir a outra qualificando seu conteúdo com traços circunstanciais de tempo, de lugar, de causa, de modo, de condição. A projeção, por sua vez, ocorre quando uma oração se projeta sobre a outra, funcionando como representação da própria representação linguística.

Somado a esses conceitos, Halliday (1985) apresenta um mecanismo chamado *integração* ou *encaixamento*, no qual uma oração funciona como elemento constituinte da estrutura de outra oração.

No quadro a seguir, estabelece-se uma correlação do modelo de complexo de orações de Halliday com a classificação tradicional das orações.

Correlação entre as categorias da gramática tradicional e o <i>complexing</i> de Halliday	Resultado da correlação	Exemplo
Combinação da <i>elaboração com a parataxe</i>	Coordenadas assindéticas (justapostas)	Cheguei em casa, vi televisão. (Pezatti e Longhin-Thomazi, 2008, p. 868)
Combinação da <i>elaboração com a hipotaxe</i>	Orações adjetivas explicativas	Iracema, que é um romance, foi escrita por José Alencar. (Bechara, 1983, p. 228)
Combinação da <i>extensão com a parataxe</i>	Coordenadas sindéticas (aditivas, alternativas etc)	Entenderam, <i>mas</i> não gostaram, né? (Pezatti e Longhin-Thomazi, 2008, p. 867)
Combinação da <i>extensão com a hipotaxe</i>	Hipotáticas de adição	Além de perder o casamento, ela teve de passar a semana no hospital. (Halliday, 1985, p. 209).

Combinação entre <i>realce e parataxe</i>	Coordenação entre orações, mas com traços circunstanciais geralmente indicados por conjunções ou locuções conjuntivas.	Vou bem. Mas você vai mal. (Neves, 2000, p. 758)
Combinação entre <i>realce e hipotaxe</i>	Orações conhecidas tradicionalmente como “adverbiais”. A oração dependente expressa noções de tempo, espaço, modo, causa, condição, introduzidas por preposições, conjunções ou locuções conjuntivas hipotáticas.	Quando os moradores chegarem, levarão um susto. (Neves, 2000, p. 787)
Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação).	- Teria dormido comigo, se eu pedisse. - E o senhor nunca pediu? - Não. - E ela era bonita? (Neves, 2000, p. 746)
Combinação de <i>projeção com hipotaxe</i>	Discurso indireto	Isso pensa ele, porque acabou de cumprir o ritual seco e mecânico que chama de: “amar”. (Neves, 2000, p. 818)
<i>Encaixamento</i>	(a) subordinadas substantivas (b) subordinadas adjetivas restritivas	(a) É bom que estudes. (Bechara, 1983, p. 225) (b) A desgraça que humilha a uns exalta o orgulho de outros. (Bechara, 1983, p. 228)

Quadro 1.2 – Correlações entre as categorias da gramática tradicional e o *complexing* de Halliday

Castilho (2010) afirma que, aparentemente, apenas as sentenças coordenadas podem ser simétricas, pois não se modificam e, portanto, podem mudar a posição no enunciado sem alterar seu valor semântico; ao passo que as subordinadas são assimétricas. Essas propriedades são de natureza discursiva e, por isso, o conhecimento de mundo pode afetar a aplicação dessas teses. Para Neves (2000), nas orações coordenadas, o traço central que define dois segmentos ligados por uma conjunção coordenativa é o da exterioridade, ou seja, o segundo segmento é sintaticamente externo ao primeiro. Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) acrescentam que o processo de coordenação pode ocorrer (i) por justaposição ou (ii) por coordenação explícita:

(i) as orações estão unidas sem nenhum mecanismo de ligação

Cheguei em casa, vi televisão.

(Pezatti e Longhin-Thomazi, 2008, p. 868)

(ii) as orações unem-se por meio de uma conjunção coordenativa que indica a relação semântica entre os elementos: adição, disjunção e adversidade

Entenderam, *mas* não gostaram, né?

(Pezatti e Longhin-Thomazi, 2008, p. 867)

Neste trabalho, as ocorrências de orações justapostas analisadas são coordenadas, conforme Pezatti e Longhin-Thomazi (2008).

Com o que foi exposto, observa-se, portanto, que, tradicionalmente, faz-se uma dicotomia entre coordenação e subordinação. De acordo com Neves (2002), essa dicotomia não abrange apenas a questão de dependência sintática, mas também a ideia de integração gramatical. Assim, estabelece-se a tripartição a partir de um contínuo (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p.170):

Parataxe > Hipotaxe > Subordinação

Essa tripartição pode ser entendida da seguinte maneira:

Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
- dependência		+ dependência		+ dependência
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento

Quadro 1.3 - parataxe, hipotaxe e subordinação

Segundo Lehman (1988), as orações articuladas estabelecem-se em um *continuum* que vai de um grau máximo a um grau mínimo de autonomia sentencial e, opondo-no a isso, vão de um grau máximo a um grau mínimo de integração sentencial. Para Hopper e Traugott (1993), o *continuum* entre as orações percorre um caminho que vai da parataxe (não-dependência e não-encaixamento) à subordinação (dependência e encaixamento). Entre esses dois polos aparece a hipotaxe (dependência, mas não encaixamento), em que se encontram as subordinadas adverbiais. Givón (1990) acrescenta, ainda, que existe uma relação icônica¹ entre a integração das orações e a integração dos eventos (NEVES, 2001).

Dentre todos esses tipos de orações, as denominadas coordenadas aditivas e as coordenadas justapostas são objeto deste trabalho.

1.3 Orações coordenadas aditivas e orações coordenadas justapostas

Tradicionalmente, as orações coordenadas aditivas são aquelas que se iniciam pelos conectivos *e, nem, não só... mas também, não só... como, assim... como*, em que o conectivo *e* assume o valor prototípico.

De acordo com Camacho (1999), há dois níveis que caracterizam o uso conjuntivo da relação *e*: (1) o nível do estado de coisas representado pelas predicções coordenadas. Assim, a coesão deve ser interpretada em termos da função ideacional da linguagem, ou seja, as experiências que o falante adquire diante da realidade e (2) o nível do discurso, em que as sentenças são eventos linguísticos. A coesão, nesse segundo nível, deve ser interpretada em termos da função interpessoal da linguagem, uma vez que o falante elabora a situação de interação.

Camacho (1999) afirma que a conjunção aditiva equivale a determinações funcional-veritativas – vinculadas à função ideacional – e a determinações associadas às funções textual e interpessoal da linguagem. Essa definição faz que existam dois níveis de estudos sobre a conjunção aditiva: o literal que abrange os aspectos funcional-veritativos e o discursivo que propõe uma análise semântica. As determinações pragmáticas, segundo Camacho (1999), estão ligadas ao nível

¹ De acordo com o princípio da iconicidade, há alguma relação entre expressão e conteúdo, ou seja, a língua pode refletir, de alguma forma, a estrutura da experiência (CUNHA, COSTA & CEZARIO, 2003).

ilocucionário ou ao nível dos atos de fala. Assim, o estudo da conjunção deve ser analisado como entidade lógica e como instrumento de um ato de fala, ou seja, analisar o seu valor semântico no contexto em que é produzido.

Segundo Neves (2000), a conjunção coordenativa *E* evidencia exterioridade entre os elementos coordenados, acrescentando um segundo elemento ao primeiro. Ela pode assumir um valor mais neutro, quando o conectivo *E* possuir um valor de adição, ou assumir um valor menos neutro quando o conectivo *E* mantiver uma relação semântica marcada entre os segmentos, como relação de contraste, causa-consequência etc.

Os elementos coordenados por *E*, de acordo com Neves (2000), podem ser:

(i) elementos de composição, (ii) palavras, (iii) sintagmas, (iv) orações e (v) enunciados.

(i) *João ficou conhecido, no bairro, como leva-e-traz.*

(ii) *Mais cedo ou mais tarde, os diretores das grandes empresas de marketing e propaganda vão acordar para essa realidade*

(iii) *As questões de higiene pública, de conforto e de segurança da vida, a sociedade representa uma força superior a do indivíduo.*

(iv) *Eles riem e Gioconda vai para dentro.*

(v) *Nada mais o atingia. E raramente consultava o relógio.*

Para a autora, o conectivo *E*, obedecendo a fatores pragmáticos, ao iniciar sintagmas, orações e enunciados, indica adição de unidades do sistema de informação, na qual fica explícito que o segundo elemento se acresce ao primeiro, conforme exemplo:

.. então nós vamos retomar esse exercício .. né,

.. e vamos concluir ele.

Em termos funcionais, de acordo com Neves (2000), as construções com *E* podem ser (i) simétricas, quando os dois elementos da adição podem permutar de posição sem que haja alteração semântica e, sendo assim, o falante ou produtor do texto opta, conforme contextos comunicativos, por qual elemento ele julga vir primeiro; e (ii) assimétricas quando os elementos da adição precisam ser considerados em uma ordem necessária para marcar uma sequência de eventos.

- (i) .. são debatidas,
.. discutidas,
.. e aceitas pela comunidade científica
- (ii) .. com o passar do tempo o que que o homem fez?
.. foi lá no mar,
.. concentrou o sal,
.. e jogou no alimento.

Para Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), a coordenação pode ser simples, múltipla ou simultânea. Quando se tratar de uma coordenação simples, ela pode se subdividir em:

(1) coordenação de sentenças independentes quando houver a multiplicação de um único constituinte que, no caso abaixo, está elíptico na segunda sentença

Eles pescam muito peixe de rio e usam muito na alimentação. (p. 868)

(2) coordenação de sentenças dependentes – justapostas ou explícitas – quando vierem encaixadas em um predicado matriz

Criar uma pessoa... ou criar uma imagem é mais ou menos a mesma coisa. (p. 869)

(3) coordenação de termos quando um único constituinte da sentença é multiplicado
Naquela época... o que existia eram os bisontes e os mamutes também... (p. 869)

(4) coordenação de predicados contêm necessariamente verbos que têm a mesma valência quantitativa e qualitativa

Nós encontramos nódulos... nódulos que aparecem e desaparecem. (p. 871)

(5) coordenação de modificadores

Se retiram os elementos musculares... ou seja... os peitorais... grandes e pequenos. (p.871)

(6) coordenação de operadores quando a coordenação se aplicar a “palavras gramaticais” – artigos, numerais, demonstrativos e preposições

Que está realmente a altura de prestar toda e qualquer assistência. (p. 872)

A coordenação múltipla ocorre quando a coordenação se aplica a diferentes constituintes da mesma sentença.

E que o estilo e a arte sempre vão refletir uma maneira de considerar o mundo e a natureza. (p. 872)

A coordenação simultânea, por sua vez, ocorre quando duas ou mais posições de termos são multiplicadas simultaneamente dentro da mesma estrutura de sentença.

Esta região está limitada para adiante... pelo esterno... para trás... pela coluna dorsal... e para o lado pela mediastínica direita e esquerda. (p. 873)

De acordo com Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), a coordenação explícita se dá por meio de conjunções que expressam diferentes valores semânticos: adição – objeto de estudo desse trabalho – disjunção e adversidade. São consideradas conjunções de adição as formas *e* e *nem* (com valor negativo).

A relação de adição pode ocorrer entre pares ou entre conjuntos de elementos que funcionam como um único elemento da estrutura em qualquer função sintática.

(1)Eu por exemplo que estou acostumando a comer só verdura e carne. (p.879)

(2)O indivíduo tem que ter conhecimento, compreensão, análise e síntese. (p. 878)

Segundo as autoras, há casos, entretanto, em que, por razões discursivas, não se pode permutar a ordem da coordenação, a saber:

- motivação icônica

(3)Terça e quinta... a menina faz fonoaudiologia. (p. 882)

A permutação dos elementos coordenados é possível e não traz mudanças semânticas, mas o resultado é uma sentença pouco habitual e estranha.

(4)Se achava dividida em duas porções... Uma anterior... e outra posterior... (p. 882)

- gradação semântica, isto é, a inversão da ordem destruiria o efeito de gradação

(5)E no entanto o homem está... sujeito e até certo ponto escravo da lei. (p.883)

- razões pragmáticas

(6)A BR-262 já tá pronta, né? tá... pronta... e linda (p. 883)

- relações anafóricas: o que determina a impossibilidade da reversão da ordem dos elementos coordenados são motivações de ordem gramatical.

(7)Leis morais: religiosas e de outras naturezas econômicas et cetera... (p. 883)

- idiomatismos: as expressões já estão prontas no léxico.

(8)Se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá... pura e simplesmente não dá. (p. 884)

Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) acrescentam, ainda, que a conjunção coordenativa *e* pode não aparecer com seu valor semântico prototípico, ou seja, valor de adição. Sendo assim, há casos em que o conectivo *e* aparece,

especialmente, em contextos adversativos e conclusivos como nos exemplos a seguir:

Tudo parece tão mascarado sei lá e quando aparece em cena o público vê uma coisa totalmente bonita né. (p. 897) – valor adversativo = mas, porém

Eram nômades e não se fixavam. (p. 897) – valor conclusivo = por isso, portanto

Ao trabalhar com a adição entre sentenças, Pezatti e Longhin-Thomazi (2008) distinguem as do tipo simétrico e as do tipo assimétrico. A questão da reversibilidade é o ponto central entre elas, ou seja, nas construções simétricas, uma mudança na ordem entre os membros coordenados não altera o sentido do todo, enquanto, nas construções assimétricas, a reversibilidade não é admitida.

Na adição simétrica (i), todas as orações ligadas pelo conectivo aditivo são afirmações e, dessa forma, não podem ser pressupostas. Na adição assimétrica (ii), a primeira sentença é pressuposta para que a segunda seja interpretável; logo, não se pode negar o primeiro membro de uma adição assimétrica, pois o discurso perde seu sentido. (PEZATTI & LONGHIN-THOMAZI, 2008).

- (i) José está lavando os talheres, Maria está fazendo a salada e Paulo está pondo a mesa. (p.892)
- (ii) Eles pescam muito peixe de rio e usam muito na alimentação. (p. 892)

Segundo as autoras, nas sentenças simétricas, os membros da adição são independentes entre si, ou seja, nenhum membro adiciona significados ao outro. Já na coordenação assimétrica, tem-se a ideia de que um membro conduz ao outro e que nenhum seria verdadeiro se os que o precedem não o fossem também. Percebe-se, assim, que o conjunto é mais importante que a soma das partes. A assimetria pode ocorrer também devido a uma ordem cronológica com uma valor icônico:

Cheguei em casa, vi televisão e depois vim para cá pra pra conversar. (p.893)

Observa-se que a coordenação, quando estudada na visão funcionalista, não se restringe apenas a construções sintáticas e estruturais, mas também considera todo o contexto em que é construída, levando em consideração aspectos pragmáticos e discursivos.

No presente trabalho, apenas as construções coordenadas serão analisadas.

1.4 Teoria da Estrutura Retórica do Texto

A Teoria da Estrutura Retórica do Texto (*Rhetorical Structure Theory*, de agora em diante, RST), fortemente influenciada pelo Funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos (Antonio, 2009), foi desenvolvida na década de 1980, no Instituto de Ciências de Informação da Universidade do Sul da Califórnia, pelos pesquisadores William Mann, Christian Matthiessen e Sandra Thompson, dentre outros (TABOADA, 2006).

Inicialmente, o trabalho tinha como objetivo pesquisar a geração automática de textos, pois até então não havia uma teoria sobre a estrutura ou sobre as funções discursivas adequadas para gerar textos. Como o estudo residiu no fato de que cada porção de um texto coerente tem uma função, ele passou a ter grande relevância nos estudos linguísticos no que se refere à coerência e aos estudos da organização textual.

Assim, pode-se dizer que, no campo da Linguística, a RST é uma teoria descritiva que tem como objeto o estudo da organização textual, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (MANN & THOMPSON, 1988). Segundo a RST, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, existem também as proposições implícitas, chamadas *proposições relacionais*, originárias das relações que se estabelecem entre as porções do texto. De acordo com Mann & Thompson (1983), as proposições relacionais estão presentes em todo o texto, desde porções maiores até as relações entre duas orações. Essas relações são responsáveis pela coerência textual, permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

A Teoria da Estrutura Retórica, segundo Mann & Thompson (1988), tem quatro tipos de mecanismos, a saber, *relações, esquemas, aplicações dos esquemas e estruturas*.

As *relações* definem as condições que ligam duas porções de texto. A definição de uma relação é feita com base em quatro condições: a) restrições sobre o núcleo; b) restrições sobre o satélite; c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite; d) efeito.

Os *esquemas* são padrões pré-definidos que especificam de que modo porções do texto se relacionam para formar porções maiores ou todo um texto. Na figura 2.2 encontram-se os quatro tipos de esquemas possíveis na Teoria da Estrutura Retórica.

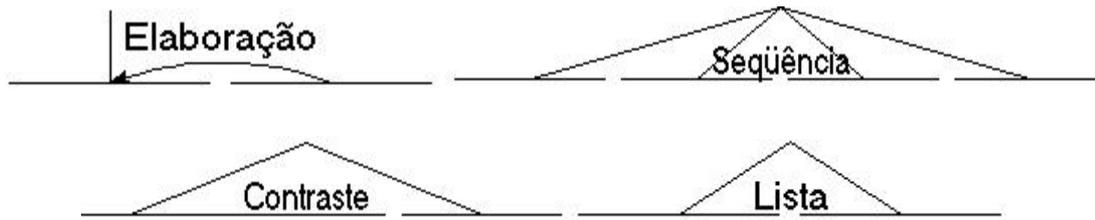


Figura 1.2 - Tipos de esquemas utilizados na Teoria da Estrutura Retórica

As curvas representam as relações estabelecidas, as linhas horizontais representam as porções de texto e as linhas verticais representam os núcleos.

A *aplicação dos esquemas* é determinada por três convenções:

- (i) a ordem em que aparecem o núcleo e o satélite não é fixa;
- (ii) em esquemas multirrelacionais, as relações individuais são opcionais, mas pelo menos uma das relações deve ser estabelecida;
- (iii) uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes ela for necessária na aplicação do esquema.

A *estrutura*, representada por um diagrama arbóreo, é definida pelas redes de relações que se estabelecem entre porções de texto sucessivamente maiores. Na figura 1.3, por exemplo, a relação de elaboração tem por objetivo o acréscimo de informações, no satélite (unidades 2 e 3), a respeito do núcleo (unidade 1).

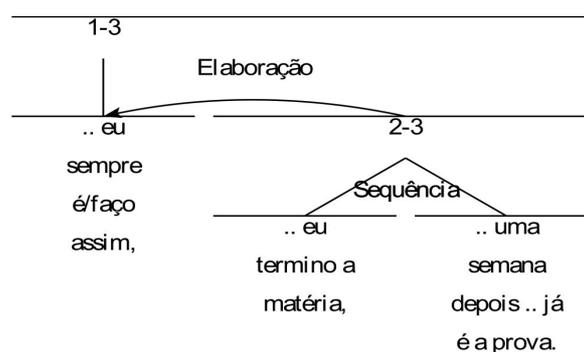


Figura 1.3 – diagrama arbóreo

Mann & Thompson (1988), após analisarem centenas de textos por meio da RST, estabeleceram uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações. Essa lista

não é considerada finita, mas suficiente para descrever as relações presentes nos textos.

De acordo com suas funções globais, as relações podem ser divididas em dois grupos:

a) relações que dizem respeito ao assunto, com a finalidade de levar o enunciatário a reconhecer as seguintes relações: elaboração, circunstância, solução, causa, resultado, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, resumo, reafirmação, sequência, contraste e lista.

b) relações que dizem respeito à apresentação da relação, utilizadas pelo falante com o objetivo de agir sobre o destinatário do texto, levando-o a acreditar ou a concordar com o conteúdo da porção de texto que constitui o núcleo. Se o interlocutor não reconhecer a relação, o produtor não alcançará seus objetivos, pois seu interlocutor não realizará as ações pretendidas pelo falante.

Em termos de organização, as relações são divididas em dois grupos:

a) relações núcleo-satélite, em que a porção do texto satélite é dependente da porção núcleo. A porção núcleo é considerada mais central para os propósitos do produtor do texto, ao passo que a porção satélite acrescenta informações a respeito do conteúdo da porção núcleo.



Figura 1.4 – Esquema de relação núcleo-satélite

b) relações multinucleares, em que as porções do texto são independentes entre si, ou seja, cada porção vai ser um núcleo distinto.



Figura 1.5 – Esquema de relação multinuclear

As relações estabelecidas entre as orações podem ser descritas a partir da intenção comunicativa do produtor do texto, bem como da sua avaliação sobre o destinatário. A identificação das relações apoia-se em critérios funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto e verificar a

maneira como o texto produziu o efeito desejado em seu receptor. Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto e tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido, mas não tem acesso direto ao produtor do texto, não podendo afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (MANN & THOMPSON, 1988). Dessa forma, as proposições relacionais são fundamentais para a coerência do texto, já que surgem de cada relação estabelecida dentro de sua estrutura e, por isso, não precisam ser expressas, necessariamente, por algum marcador formal (ANTONIO, 2009b).

Não se deve conceber que apenas marcadores discursivos (entendidos aqui em sentido *lato* como qualquer conjunção, preposição, locução conjuntiva etc que estabeleça relação entre orações ou entre porções de texto) podem sinalizar relações retóricas. Para Taboada (2009), há outras marcas formais além dos marcadores discursivos que podem indicar relações retóricas, como tempo, modo, encaixamento sintático, significado do verbo, implicaturas conversacionais etc.

Neste trabalho, o foco da pesquisa será investigar as relações retóricas de lista, de sequência, de condição e de resultado em construções paratáticas, estabelecidas por orações coordenadas aditivas, por orações coordenadas justapostas ou por complexos oracionais formados por orações coordenadas aditivas e por orações coordenadas justapostas

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Neste capítulo, dividido em 3 itens, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. A primeira parte trata da coleta do *corpus* e dos critérios utilizados para sua transcrição. No segundo item, apresentam-se as ferramentas computacionais utilizadas na pesquisa. No terceiro item, expõem-se os parâmetros de análise investigados no *corpus* deste trabalho. Por último, no quarto item, apresentam-se os objetivos do trabalho.

2.1 Coleta e transcrição das elocuições formais

O *corpus* desta pesquisa é constituído de 5 elocuições formais do tipo aula constituintes do banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná) e sua coleta seguiu alguns critérios.

Os informantes da pesquisa são professores e alunos universitários de Maringá (PR) que nasceram na cidade ou residem nela há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante aulas de graduação e apresentações de trabalho, motivo pelo qual se espera um alto grau de formalidade nos textos. Outras características que devem ser destacadas nesses textos são os papéis e a posse do turno fixados previamente (KOCH & SOUZA e SILVA, 1996). Por isso, há poucas marcas de interação, o professor em geral responde a perguntas feitas pelos alunos.

Esses textos também têm um início bem marcado com a apresentação dos objetivos da aula ou do trabalho, bem como um encerramento no qual os objetivos da aula seguinte são antecipados, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

bom: na AUla passada né: nós fizemos o experimento determinação do nível operante e treino ao bebedouro .. certo?

e:: aí vo::cês éh:: ... vocês registraram naquela folha de registro os/o que:: vocês obserVaram ... né,

... então os dados foram coleTAdos .. a respeito do experimento que foi realizado né,

... entÃO HOje nós vamos/eu vou estar passando para vocês ... éh:: o relatório que vai ter que ser FEItO,

... é o trabalho que vocês vão ter que fazer agora com os dados que foram coletados .. ta?

.. e pra isso .. é .. PRImordial nós estudarmos o comportame::nto bioló::gico .. da suspensão.

.. a re::ologia da suspensão.

... o que é isso?

.. nós vamos deixar pro próximo capítulo,

.. pra próxima aula tá?
 ... ah:: gente eu tava esquecendo,
 .. óh:: .. presta atenção só um pouquinho.
 .. as suspensões .. eu mandei pra vocês por e-mail .. os slides.
 .. aqui tem .. o roteiro da aula o programa da aula,
 .. e tem xerox,
 .. são quatro cinco .. capítulos .. de livros modernos sobre suspensões.

Além disso, podem ser encontrados marcadores “meta-pedagógicos” como *certo?* e de referência ao saber já internalizado pelos alunos ou pela audiência, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

.. observe que isso aqui é o PRODUTO,
 .. então tem que usar a fórmula da derivada do produto,
 .. então presta atenção como eu vou fazer,
 .. eu vou deriva PRIMEIRO o co-seno.
 ... certo?
 .. então .. se:: não simplificar,
 .. já sabe né,
 .. errar em conta .. né::?

As elocuições formais foram transcritas alfabeticamente seguindo-se um padrão com base nas normas do projeto NURC² (PRETI, 1993, p. 11-12) com algumas adaptações (cf. ANEXO A) e segmentadas em unidades de entonação. Segundo Chafe (1987), a fala espontânea não é produzida em um fluxo contínuo, mas em uma série de breves jorros que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência no momento da enunciação. Esses jorros são chamados por Chafe de unidades de entonação. Para a identificação dessas unidades, o autor propõe três critérios:

- 1- entonação: a maior parte das unidades termina com um contorno típico de final de oração;
- 2- pausa: a separação entre as unidades é feita por uma breve pausa;
- 3- sintaxe: há uma tendência para as unidades corresponderem a orações simples.

Esses critérios podem ser observados no exemplo a seguir, retirado de uma

² O Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro) contém um acervo, disponível online, de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, num total de 350 horas, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas. Constitui referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa. Fonte: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>

elocução do *corpus*:

.. a maior parte dos nossos produtos tem um destino,
.. e esse destino in-fe-liz-mente não é o território brasileiro.

Ambas as unidades se iniciam por pausa e têm a estrutura de uma oração. A primeira unidade tem curva entonacional estável, representada pela vírgula. A segunda unidade, por sua vez, tem entonação descendente, típica de final de oração, representada pelo ponto.

Chafe (*ibid.*) ainda faz duas observações importantes a respeito da identificação das unidades. A primeira é que nem sempre os três critérios aparecerão simultaneamente em uma unidade. A segunda é que nenhum dos três critérios é suficiente para identificar uma unidade, pois não se deve esperar que um fenômeno cognitivo se manifeste mecanicamente por meio de fenômenos linguísticos.

2.2 Quantificação dos dados

A quantificação dos dados foi feita utilizando-se o programa Systemic Coder, versão 4.5. Desenvolvido por Mick O'Donnel e disponível para *download* no *site* www.wagsoft.com, o programa facilita a codificação de dados, permitindo ao usuário criar uma rede sistêmica hierárquica de traços linguísticos. Após a segmentação dos dados a serem analisados, cada segmento é apresentado ao usuário, que seleciona na tela do computador os traços pertinentes àquele segmento. Ao final, os dados são apresentados estatisticamente, podendo ser cruzados ou exportados para outros programas estatísticos, como se observa na figura 2.1 a seguir:

System	Feature	N	Mean
TIPO-DE-ORACAO	aditiva	9	21.4%
	justaposta	27	64.3%
	just-add	5	11.9%
QTD-ORACOES	duas	21	50.0%
	tres	9	21.4%
	quatro	8	19.0%
	cinco-ou-mais	3	7.1%
DEPENDENCIA	dependente	0	0.0%
	nao-dependente	41	97.6%
CAMADA	esco	41	97.6%
	conteudo-proposicio	0	0.0%
	ato-de-fala	0	0.0%
TEMPO-VERBAL	presente	27	64.3%
	pret-perf	1	2.4%
	pret-imperf	3	7.1%
	pret-perf-pres	3	7.1%
	pres-futuro	2	4.8%
	infinitivo	1	2.4%
CONNECTIVO	e	14	33.3%
	sem-conec	27	64.3%
SIMETRIA	simetria	41	97.6%
	assimetria	0	0.0%

Figura 2.1 – Estatísticas dos dados da relação de lista

Na figura 2.2 a seguir, é exposta uma parte do esquema sistêmico criado para a codificação da relação de lista.

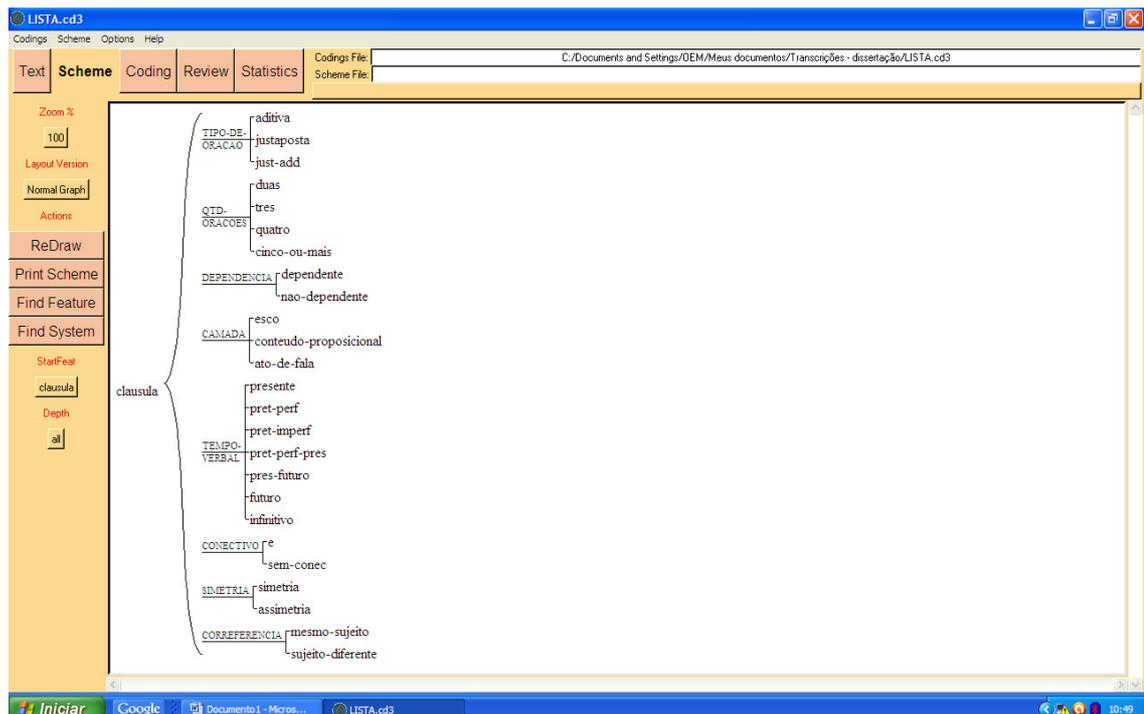


Figura 2.2 – Parte do esquema de codificação utilizado na pesquisa

O esquema define a ordem em que aparecerão os traços linguísticos para codificação dos dados e as opções subsequentes às escolhas iniciais. Na janela *Text*, o programa apresenta a ocorrência a ser codificada, que está em vermelho (figura 2.3). É função do analista, então, selecionar as propriedades referentes à oração que está sendo codificada.

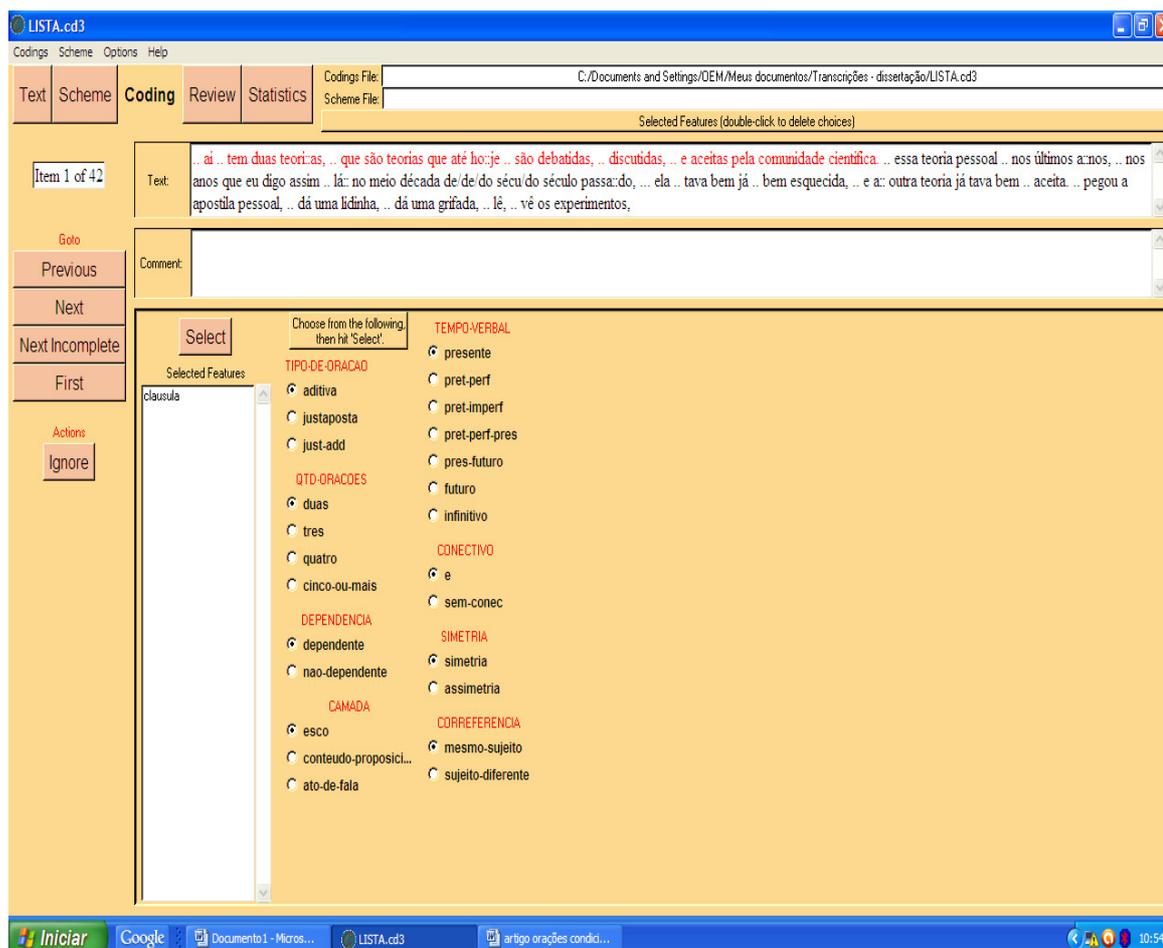


Figura 2.3 – Tela do *Systemic Coder* – codificação dos dados relativos à relação de lista

Para a elaboração dos diagramas da estrutura retórica do *corpus*, foi utilizado o programa RSTTool, versão 3.11, de Mick O'Donnel, disponível para *download* no *site* www.wagsoft.com. O programa foi desenvolvido especialmente com a finalidade de facilitar a diagramação da estrutura retórica de textos. Criam-se duas listas de relações, as multinucleares e as do tipo núcleo-satélite. Então, segmenta-se o texto cujo diagrama será elaborado e traçam-se os esquemas que representam os tipos de relações entre as porções de texto, designando-se, em

seguida, as relações. No caso das relações multinucleares, para a criação dos diagramas, arrasta-se a porção núcleo na direção de outra porção núcleo, indicando ao *software* como fazer o diagrama. Por fim, o analista escolhe a relação pertinente (cf. figura 2.4). No caso de uma relação núcleo-satélite, arrasta-se a porção satélite na direção da porção núcleo. Ao final, o analista também escolhe a relação pertinente.

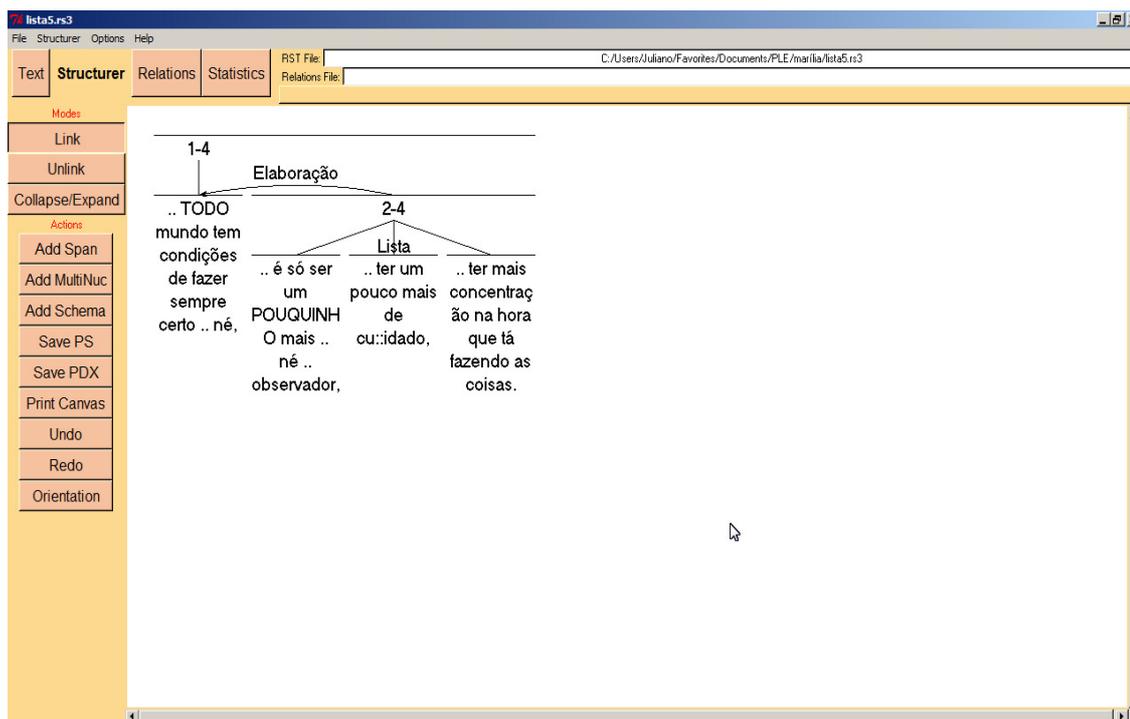


Figura 2.4 – Tela do RSTTool – criação de diagrama da relação de lista

2.3 Parâmetros de análise

Os parâmetros utilizados neste trabalho são apresentados a seguir.

2.3.1 Tipo de oração

O primeiro parâmetro de análise é o tipo de oração, ou seja, verificou-se que tipo de oração é mais frequente na codificação de cada uma das relações investigadas: orações coordenadas aditivas, orações coordenadas justapostas ou complexos oracionais formados por orações coordenadas aditivas e orações coordenadas justapostas.

2.3.2 Quantidade de orações

Realizou-se levantamento de quantas orações compunham cada complexo oracional investigado.

2.3.3 Tipo de conectivo

Investigou-se quais conectivos ou marcadores discursivos são utilizados pelos falantes nas relações de lista, de sequência, de condição e de resultado estabelecidas por meio de orações coordenadas aditivas, por meio de orações coordenadas justapostas ou por meio de complexos oracionais formados por orações coordenadas aditivas e por orações coordenadas justapostas

2.3.4 Correlação modo-temporal

Investigou-se, neste trabalho, se o tempo e o modo verbal podem ser marcas formais que auxiliam na caracterização das relações estudadas.

2.3.5 Simetria/Assimetria

Observou-se a questão da simetria e da assimetria presentes nas relações. No primeiro caso, as sentenças coordenadas podem mudar a posição no enunciado sem alterar seu valor semântico, ao passo que, no segundo caso, os elementos coordenados não podem permutar, pois obedecem a eventos relacionados linearmente. Isso é um fator importante para diferenciar as relações investigadas no trabalho.

2.4 Objetivos do trabalho

O objetivo principal deste trabalho é propor uma investigação, em um *corpus* constituído de 5 elocuições formais do tipo aula, das relações retóricas de lista, de sequência, de condição e de resultado, estabelecidas por orações coordenadas aditivas, por orações coordenadas justapostas ou por complexos oracionais formados por oração coordenada aditiva e por oração coordenada justaposta. Espera-se, com isso, expandir o estudo das orações paratáticas.

Outro objetivo deste trabalho é procurar descrever as marcas linguísticas que podem auxiliar na identificação dessas relações e tentar explicar, a partir do levantamento dos dados, como essas marcas podem ajudar na distinção entre as

relações. Pretende-se, dessa forma, contribuir para uma melhor caracterização da expressão linguística dessas relações na modalidade oral do português brasileiro.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão analisados os dados quantificados no que diz respeito à maneira como as relações de lista, de sequência, de condição e de resultado são realizadas linguisticamente por meio de orações coordenadas aditivas, orações coordenadas justapostas e complexos oracionais formados por orações coordenadas aditivas e por orações coordenadas justapostas.

A realização de cada uma dessas relações será analisada a partir da frequência de ocorrência dos tipos de orações que a realizam e de outros fatores descritos no capítulo anterior que possam ajudar na caracterização dessas relações.

A primeira seção deste capítulo terá como assunto as relações de lista e de sequência, que diferem entre si pelo fato de a última relacionar proposições em que há subsequência temporal, o que não acontece com a anterior. A segunda seção tratará da relação de condição, quando codificada por orações coordenadas justapostas e/ou por orações coordenadas aditivas. Por fim, a terceira seção terá como foco a relação de resultado, quando estabelecida por meio de orações coordenadas justapostas e/ou de orações coordenadas aditivas.

3.1 Relações de lista e de sequência

Nos quadros 3.1 e 3.2 a seguir, apresentam-se as definições das relações de lista e de sequência, respectivamente.

Nome da relação	Condições em cada par de N (núcleos)	Intenção do falante
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N por meio de uma relação de Lista	O destinatário reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados

Quadro 3.1 – definição da relação de lista (MANN & THOMPSON, 1988, p. 278, *tradução nossa*)

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção do falante
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	O destinatário reconhece as relações de sucessão entre os núcleos

Quadro 3.2 – definição da relação de lista (MANN & THOMPSON, 1988, p. 278, *tradução nossa*)

Como pode ser observado nas definições, a diferença entre as duas relações reside no fato de que, na relação de lista, as orações trazem conteúdos semelhantes, ao passo que, na relação de sequência, há sucessão temporal entre os conteúdos das orações.

No quadro 3.3 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência das orações investigadas no *corpus*, as quais compõem os complexos oracionais que podem realizar linguisticamente a relação de lista.

	N	%
Orações coordenadas justapostas	27	65,8
Orações coordenadas aditivas	11	26,9
Orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas	3	7,3
TOTAL	41	100%

Quadro 3.3 – Frequência de ocorrência das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de lista no *corpus*

As orações coordenadas justapostas são as mais utilizadas pelos informantes do *corpus* para realizar a relação de lista (65,8% das ocorrências). É o que ocorre no exemplo da figura 3.1 a seguir, em que as orações trazem informações semelhantes, comparáveis entre si.

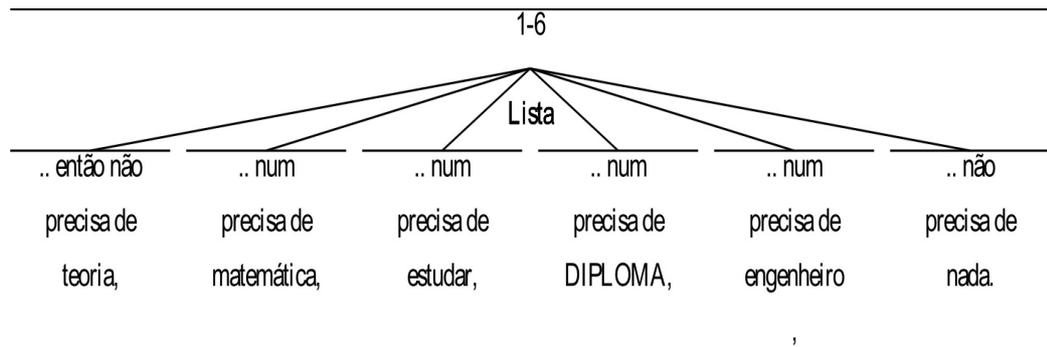


Figura 3.1 – relação de lista entre orações coordenadas justapostas

No exemplo da figura 3.2, observa-se a relação de lista que é estabelecida por orações coordenadas aditivas (26,9% das ocorrências).



Figura 3.2 – relação de lista entre orações coordenadas aditivas

No exemplo da figura 3.3, há um complexo oracional formado por orações coordenadas justapostas e por uma oração coordenada aditiva que estabelece a relação de lista (7,3% das ocorrências).

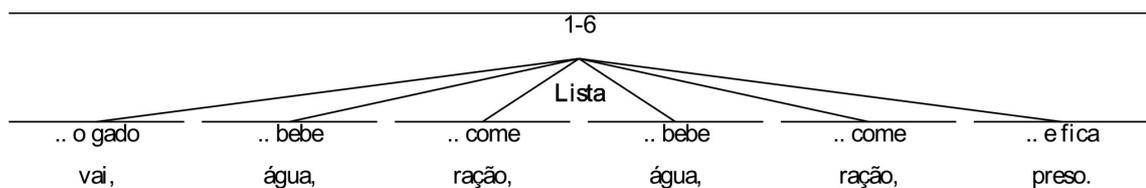


Figura 3.3 – complexo oracional formado por orações coordenadas justapostas e por uma oração coordenada aditiva estabelecendo relação de lista

Em relação aos conectivos, deve-se observar que, tanto no caso das orações coordenadas aditivas (exemplo da figura 3.2) quanto no caso dos complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas (exemplo da figura 3.3), o *e* foi o único conectivo utilizado pelos informantes do *corpus* no estabelecimento da relação de lista.

As orações coordenadas aditivas e as orações coordenadas justapostas que estabelecem a relação de lista no *corpus* desta pesquisa podem formar complexos oracionais compostos por duas, três, quatro, cinco ou mais orações, como pode ser observado no quadro 3.4 a seguir.

	N	%
Duas orações	23	56,1
Três orações	10	24,4
Quatro orações	5	12,2
Cinco ou mais orações	3	7,3
TOTAL	41	100

Quadro 3.4 – frequência de ocorrência em relação à quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de lista no *corpus*

Observa-se que no quadro 3.4 que, quanto maior o número de orações em um complexo oracional, menor sua frequência de ocorrência no *corpus*. A preferência dos informantes é por complexos oracionais formados por duas orações (56,1% das ocorrências), como no exemplo da figura 3.2 (repetida a seguir), ao passo que complexos oracionais formados por cinco ou mais orações, como do exemplo da figura 3.1 (repetida a seguir), têm frequência de ocorrência de 7,3%.



Figura 3.2 – relação de lista entre complexos oracionais formados por duas orações

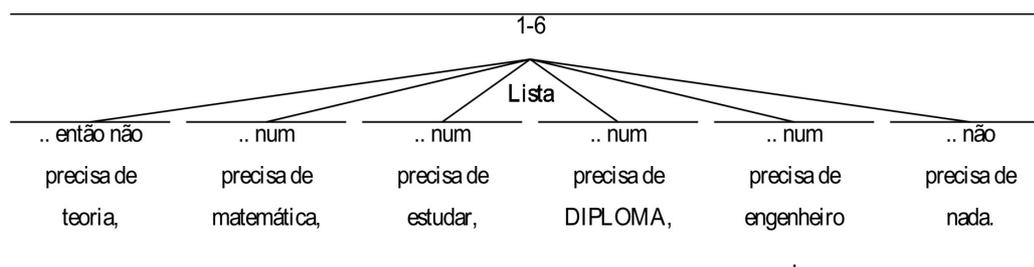


Figura 3.1 – relação de lista entre complexos oracionais formados por cinco ou mais orações

No quadro 3.5 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência dos tempos e modos verbais das orações que estabelecem a relação de lista.

	N	%
Presente	27	65,9
Infinitivo	4	9,8
Pretérito imperfeito	3	7,3
Pretérito perfeito + Presente	3	7,3
Presente + futuro	2	4,9
Pretérito perfeito	1	2,4
Futuro	1	2,4
TOTAL	41	100%

Quadro 3.5 - frequência de ocorrência no que se refere ao tempo e ao modo verbal das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de lista no *corpus*

A frequência de ocorrência mais alta é de complexos oracionais como do exemplo da figura 3.1 (repetida a seguir), formado por orações no presente do indicativo (65,9%).

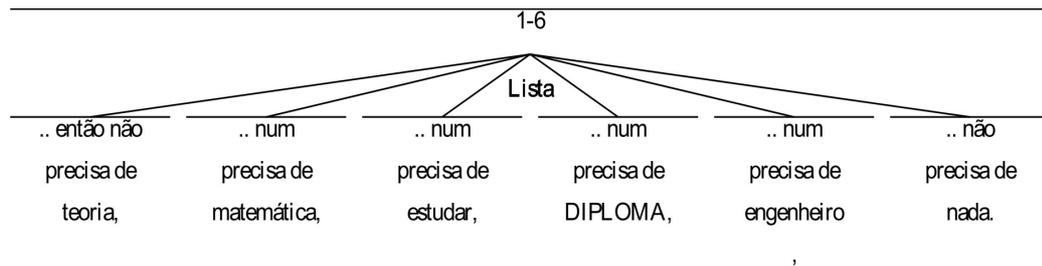


Figura 3.1 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo estabelecendo relação de lista

Orações no infinitivo como na figura 3.4 são responsáveis por 9,8% das ocorrências.

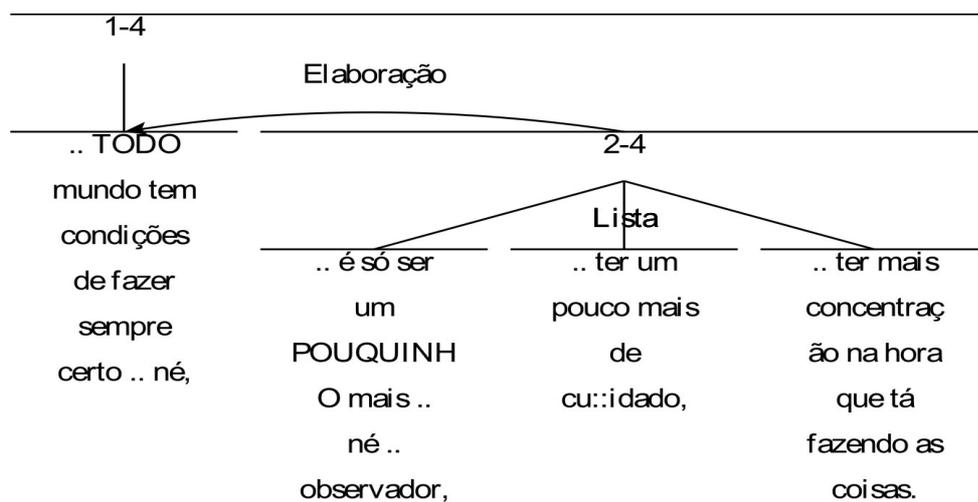


Figura 3.4 – complexo oracional formado por orações no infinitivo estabelecendo relação de lista

Complexos oracionais formados apenas por orações no pretérito imperfeito do indicativo (exemplo da figura 3.5) bem como complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no presente do indicativo, como no exemplo da figura 3.2 (repetida a seguir), representam 7,3% das ocorrências cada.

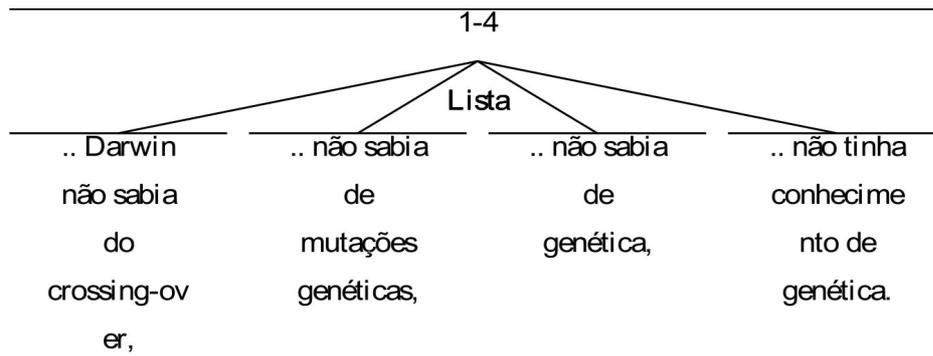


Figura 3.5 – complexo oracional formado por orações no pretérito imperfeito do indicativo estabelecendo relação de lista



Figura 3.2 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no presente do indicativo estabelecendo relação de lista

Complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no futuro do indicativo (exemplo da figura 3.6) são responsáveis por 4,9% das ocorrências.

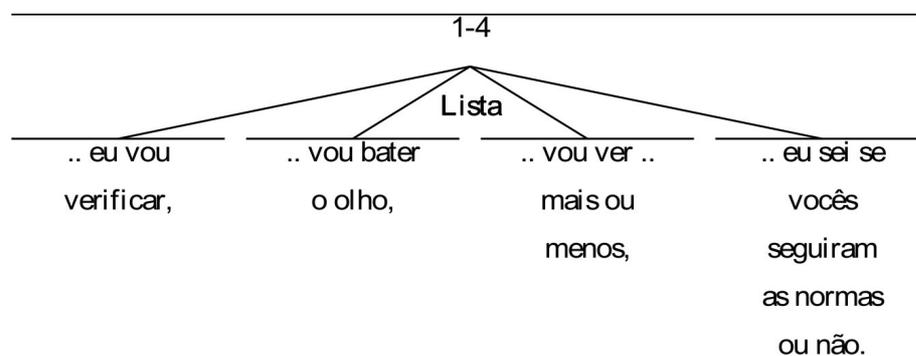


Figura 3.6 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de lista

Por fim, complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo (exemplo da figura 3.7) e complexos oracionais formados por orações no futuro do indicativo (exemplo da figura 3.8) apresentam frequência de ocorrência de 2,4% cada.

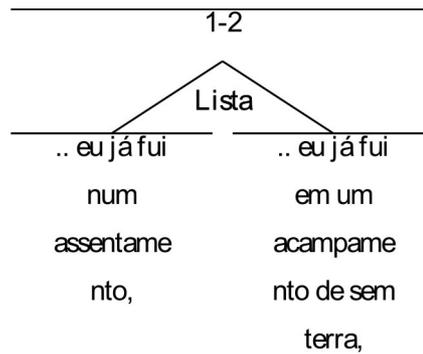


Figura 3.7 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de lista

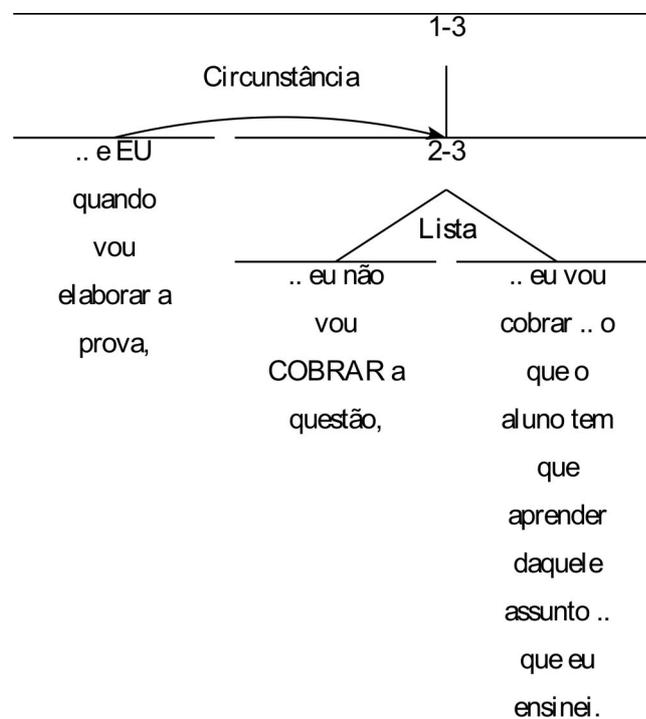


Figura 3.8 – complexo oracional formado por orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de lista

No que diz respeito ao parâmetro simetria/assimetria, observa-se que, na relação de lista, pode haver simetria, como ocorre com a maioria das ocorrências analisadas no *corpus* desta pesquisa. No entanto, há ocorrências que não são simétricas, como nos exemplos dos diagramas 3.1 e 3.2 (repetidos a seguir). No caso de 3.1, não se pode alterar totalmente a ordem da última oração que retoma todos os elementos citados nas orações. Nesse exemplo há uma gradação de argumentos: o mais forte é o último. No caso de 3.2, o informante não teria como falar o nome do livro se, antes, não tivesse mencionado o livro.

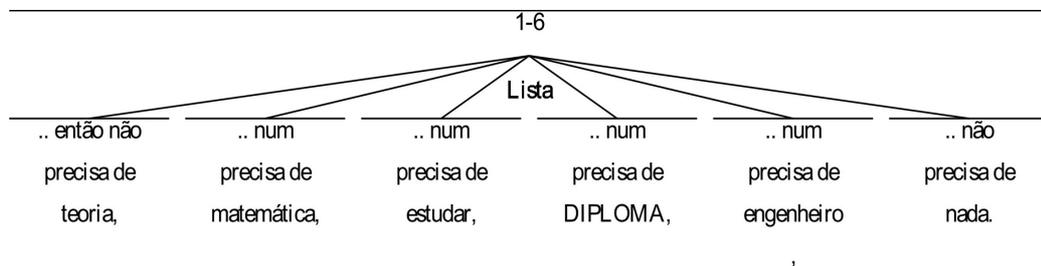


Figura 3.1 – Ocorrência da relação de lista em que a simetria não se aplica por haver gradação de argumentos

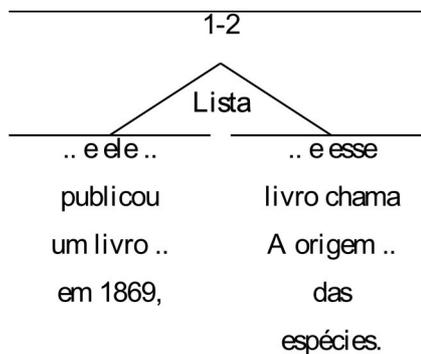


Figura 3.2 – Ocorrência da relação de lista em que a simetria não se aplica por questões referenciais

Ocorre o contrário com a relação de sequência, em que todas as ocorrências são assimétricas, ou seja, não pode haver permuta entre as orações sem que se altere o sentido entre os membros coordenados. Isso ocorre porque a relação de sequência pressupõe a subsequência temporal. É o que pode ser observado no exemplo da figura 3.9 a seguir, em que as porções de texto de 1 a 4

correspondem a eventos relacionados linearmente e constituem núcleos distintos, motivo pelo qual a relação que se estabelece entre eles é de sequência.

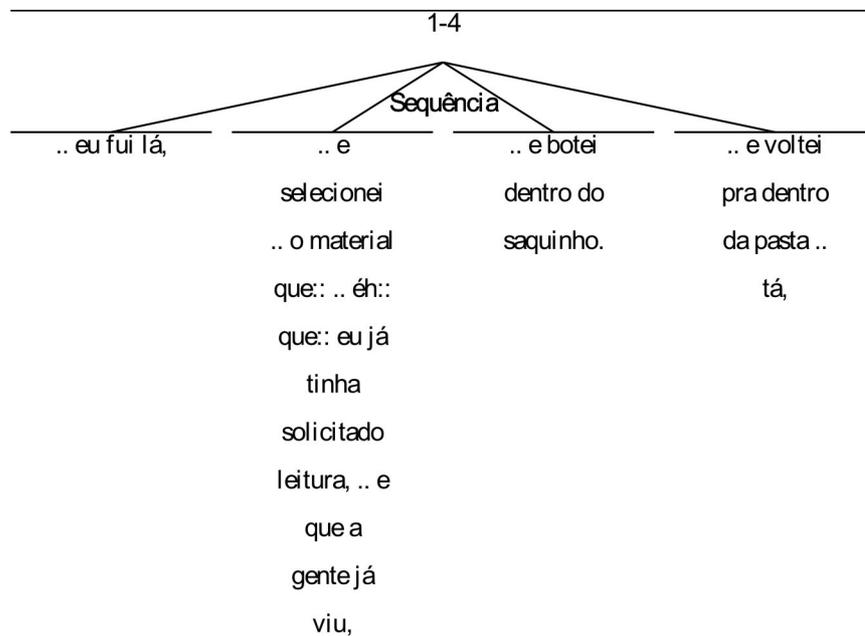


Figura 3.9 – relação de sequência caracterizada pela assimetria entre as orações que compõem os complexos oracionais

No quadro 3.6 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência das orações investigadas no *corpus* as quais compõem os complexos oracionais que podem realizar linguisticamente a relação de sequência.

	N	%
Orações coordenadas aditivas	33	64,7
Orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas	10	19,6
Orações coordenadas justapostas	8	15,7
TOTAL	51	100%

Quadro 3.6 – Frequência de ocorrência das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de sequência no *corpus*

As orações coordenadas aditivas são as mais utilizadas pelos informantes do *corpus* para realizar a relação de sequência (64,7% das ocorrências), enquanto as orações coordenadas aditivas que estabelecem a relação de lista correspondem a apenas 26,9% das ocorrências. A maior frequência de orações coordenadas aditivas na relação de sequência do que na relação de lista está relacionada, possivelmente, ao uso de conectivos sequenciadores temporais, uma vez que a relação de sequência pressupõe a subsequência temporal entre os eventos codificados pelas orações. É o que ocorre no exemplo da figura 3.10 a seguir, em que as orações trazem uma relação de sucessão entre os núcleos.

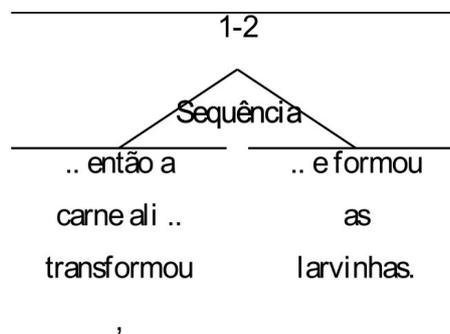


Figura 3.10 – relação de sequência entre orações coordenadas aditivas

No exemplo da figura 3.11, observa-se um complexo oracional formado por orações coordenadas justapostas e por uma oração coordenada aditiva estabelecendo uma relação de sequência (19,6% das ocorrências).

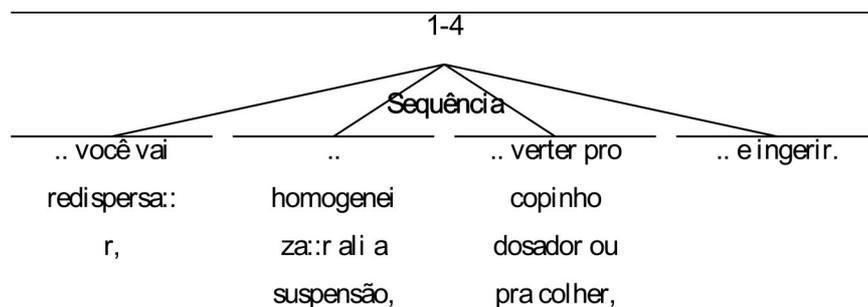


Figura 3.11 – relação de sequência nos complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e oração coordenada aditiva

No exemplo da figura 3.12, observa-se a relação de sequência estabelecida entre orações coordenadas justapostas (15,7% das ocorrências).

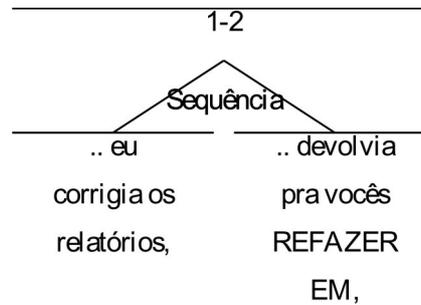


Figura 3.12 – relação de sequência entre orações coordenadas justapostas

Em consequência do fato de os falantes utilizarem com maior frequência orações coordenadas aditivas para estabelecer relação de sequência, observa-se que as orações coordenadas justapostas têm apenas 15,7% das ocorrências no estabelecimento dessa relação.

Em relação aos conectivos, deve-se observar que, tanto no caso das orações coordenadas aditivas (exemplo da figura 3.9, repetido a seguir) quanto no caso dos complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas (exemplo da figura 3.11, repetido a seguir), o *E* foi o único conectivo utilizado pelos informantes do *corpus* no estabelecimento da relação de sequência, assim como no estabelecimento da relação de lista.

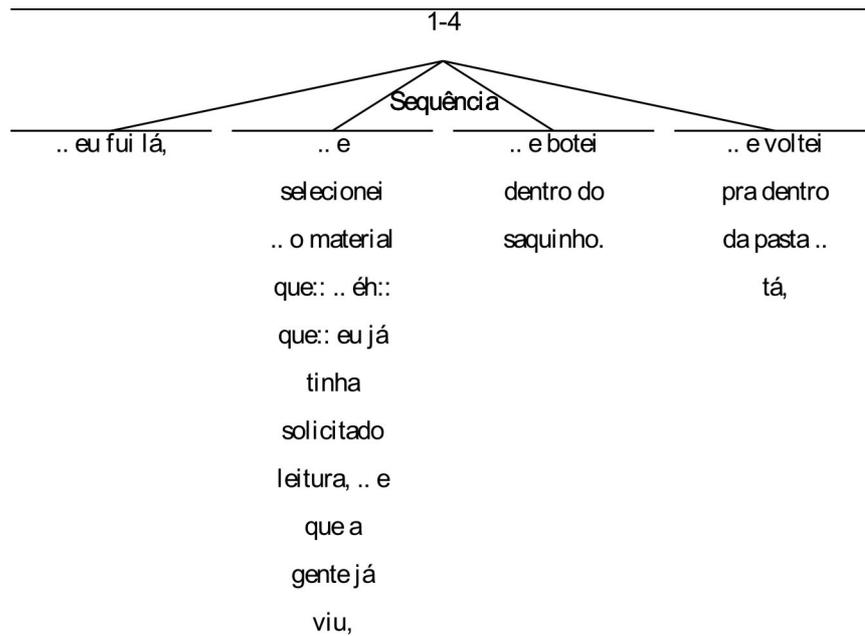


Figura 3.9 – complexo oracional formado por orações coordenadas aditivas estabelecendo relação de sequência

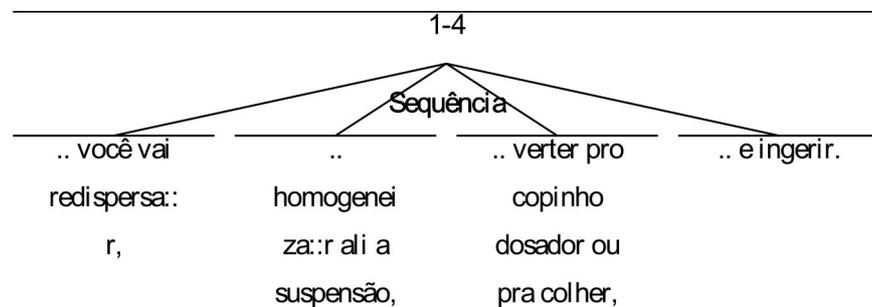


Figura 3.11³ – complexo oracional formado por orações coordenadas justapostas e por oração coordenada aditiva estabelecendo relação de sequência

No que diz respeito ao número de orações que compõem os complexos oracionais, as orações coordenadas justapostas e as orações coordenadas aditivas que estabelecem a relação de sequência no *corpus* desta pesquisa podem formar

³ As sequências verbais **vai redispersar**, **vai homogeneizar**, **vai verter** e **vai ingerir** constituem locuções verbais com o verbo **ir** em função de auxiliar, já gramaticalizado. Logo, não se trata de orações encaixadas (NEVES, 2004).

complexos oracionais compostos por duas, três, quatro, cinco ou mais orações, como pode ser observado no quadro 3.7 a seguir.

	N	%
Duas orações	36	70,6
Três orações	9	17,6
Quatro orações	5	9,8
Cinco ou mais orações	1	2
TOTAL	51	100

Quadro 3.7 – Frequência de ocorrência em relação à quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de sequência no *corpus*

Nota-se que a preferência dos informantes é por complexos oracionais formados por duas orações (70,6% das ocorrências), como no exemplo da figura 3.10 (repetida a seguir), ao passo que complexos oracionais formados por cinco ou mais orações têm frequência de 2% de ocorrência. Esses dados mostram que, assim como na relação de lista, quanto maior o número de orações em um complexo oracional, menor sua frequência de ocorrência no *corpus*.

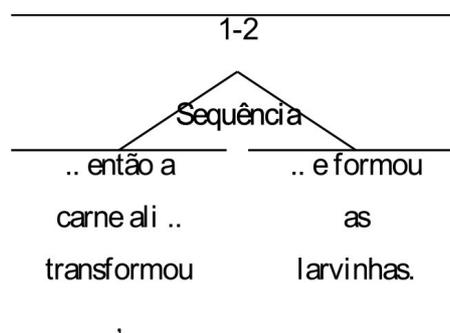


Figura 3.10 – complexo oracional formado por duas orações estabelecendo relação de sequência

No quadro 3.8 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência dos tempos e modos verbais das orações que estabelecem a relação de sequência.

	N	%
Presente	25	49
Pretérito perfeito	9	17,6
Futuro	5	9,8
Pretérito imperfeito	4	7,8
Pretérito perfeito + presente	3	5,9
Imperativo afirmativo	3	5,9
Presente + Infinitivo	1	2
Futuro do subjuntivo	1	2
TOTAL	51	100%

Quadro 3.8 - frequência de ocorrência no que se refere ao tempo e ao modo verbal das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de sequência no *corpus*

A frequência de ocorrência mais alta é a de complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo como no exemplo da figura 3.13 e no exemplo da figura 3.14 (49%).

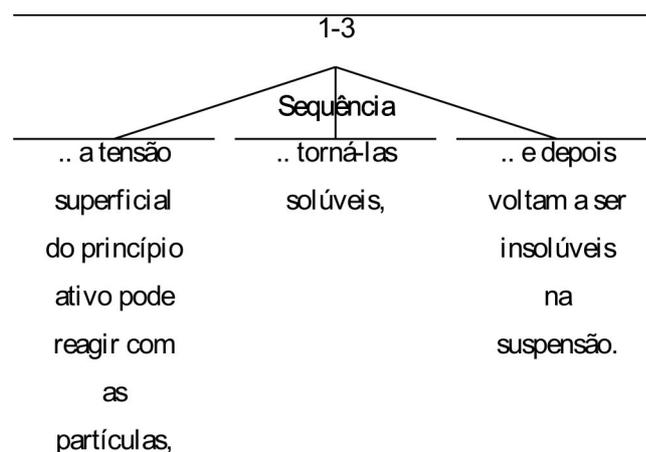


Figura 3.13 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo



Figura 3.14⁴ – complexo oracional formado por orações no presente estabelecendo relação de sequência

Orações no pretérito perfeito como na figura 3.10 (repetida aqui) são responsáveis por 17,6% das ocorrências.

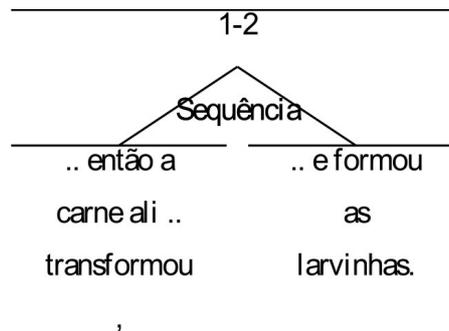


Figura 3.10 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de sequência

Complexos oracionais formados por orações no futuro correspondem a 9,8% da frequência de ocorrência (exemplo da figura 3.15).

⁴ As sequências verbais **nós podemos diluir** e **(nós podemos) chegar** apresentam a locução verbal com o modalizador **podemos** (NEVES, 2004).

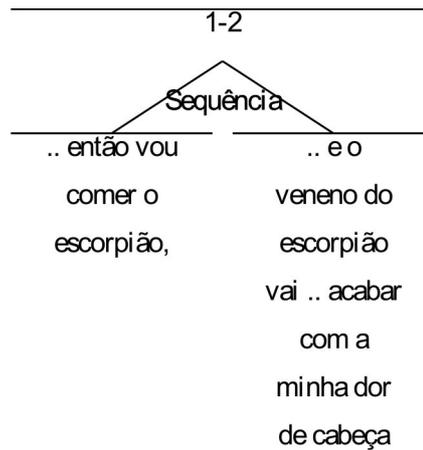


Figura 3.15 – complexo oracional formado por orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de sequência

Complexos oracionais formados apenas por orações no pretérito imperfeito do indicativo (exemplo da figura 3.12, repetido a seguir) correspondem a 7,8% da frequência de ocorrência.

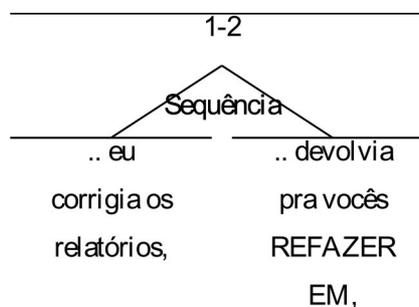


Figura 3.12 – complexo oracional formado por orações no pretérito imperfeito do indicativo

A frequência de ocorrência de complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no pretérito perfeito do indicativo equivale a 5,9%, como no exemplo da figura 3.16.

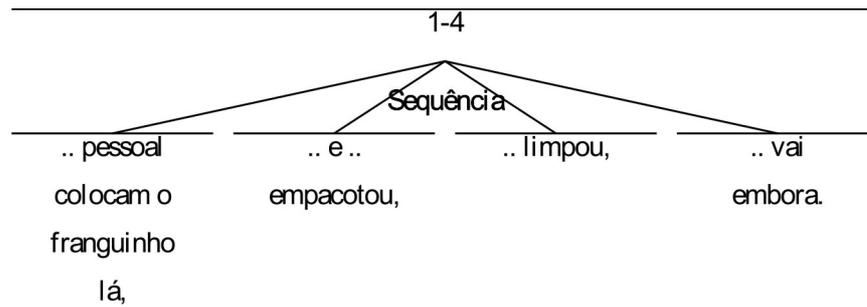


Figura 3.16 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de sequência

Complexos oracionais formados por orações no imperativo afirmativo também têm frequência de 5,9% (exemplo da figura 3.17).

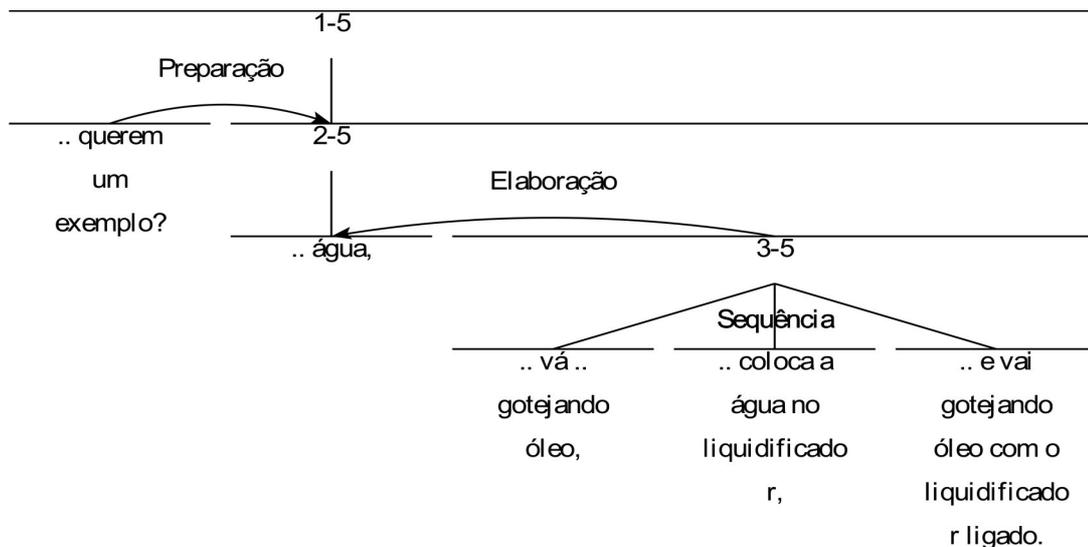


Figura 3.17 – complexo oracional formado por orações no imperativo afirmativo

Complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no infinitivo correspondem a 2% da frequência de ocorrência no *corpus* (exemplo da figura 3.18), assim como complexos oracionais que formam orações no futuro do subjuntivo (exemplo da figura 3.19).



Figura 3.18 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e no infinitivo

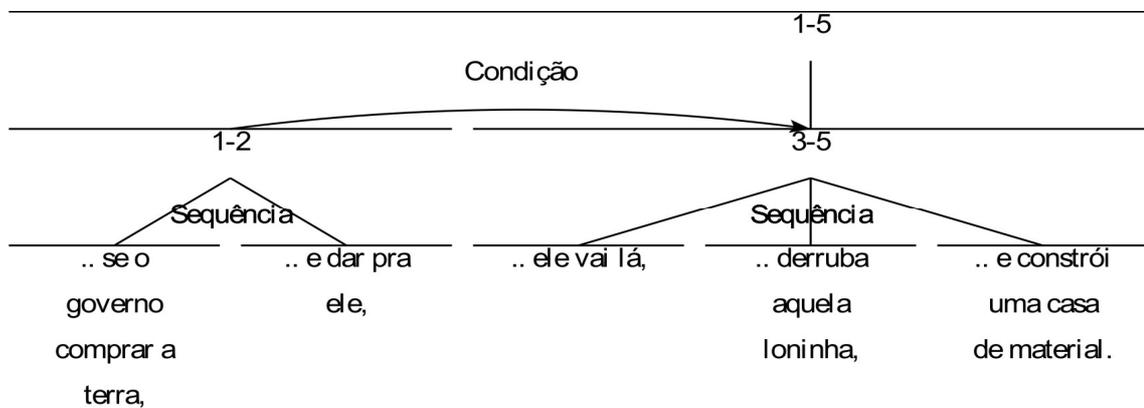


Figura 3.19 – complexo oracional formado por orações no futuro do subjuntivo

Ao final da análise das relações de lista e de sequência, percebe-se que, enquanto a relação de lista aponta uma frequência de ocorrência de 65,9% em orações no presente do indicativo, a relação de sequência apresenta uma frequência de ocorrência de 49% em orações no presente do indicativo, ou seja, tem-se uma diferença de 16,9%. Por outro lado, realizando-se a soma da frequência de ocorrência em que há o pretérito (perfeito e imperfeito), na relação de sequência, tem-se 31,3% das ocorrências, ao passo que, na relação de lista, a frequência é de apenas 17%. Conclui-se, portanto, que, se o falante relata um evento pretérito, ele prioriza a relação de sequência em comparação com a relação de lista. Essa preferência ocorre devido à necessidade de o falante narrar ou relatar um evento ocorrido que, conseqüentemente, deve seguir a ordem icônica em que foi realizado, como se vê no exemplo da figura 3.20 a seguir.

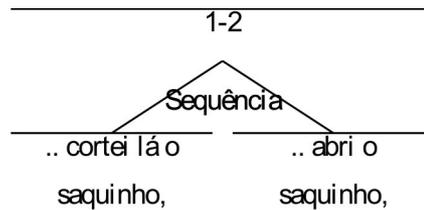


Figura 3.20 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo estabelecendo relação de sequência

3.2 Relação de condição

No quadro 3.9 a seguir, apresenta-se a definição da relação de condição:

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do falante
Condição	Sobre S: S apresenta uma situação não realizada hipotética, futura (relativa ao contexto situacional de S).	A realização de N depende da realização de S.	O destinatário reconhece como a realização de N depende da realização de S.

Quadro 3.9 – Definição da relação de condição

Segundo Hirata-Vale (2008), o processo de articulação de orações não se limita à divisão tradicional entre coordenação e subordinação, estabelecendo, assim, a existência de um contínuo que vai da parataxe à subordinação.

Hirata-Vale (2008), com base em Harris (1986), afirma que há um contínuo na classificação das orações adverbiais que pode ser de dois tipos: o primeiro, em que as condicionais assumem a estrutura *se p então q* que possuem outros valores, como o de concessão, o de adversidade e o de causalidade; e o segundo, que abrange as construções paratáticas – coordenadas aditivas e disjuntivas e as orações justapostas – com valor condicional, assumindo uma estrutura diferente da canônica *se p então q*.

As razões para a existência de uma leitura condicional nessas construções que não têm uma conjunção condicional codificada devem-se a três pontos:

primeiro, a existência de um vínculo semântico entre as orações paratáticas, considerado um vínculo causal; segundo, o vínculo causal é o responsável pela ordenação icônica, que vai da causa para a consequência e, terceiro, não existe a possibilidade de comutação entre as orações, ou seja, elas são assimétricas (HIRATA-VALE, 2008).

As construções paratáticas condicionais, segundo a autora, são usadas com frequência para expressar ameaças, ordens, recomendações e promessas, que podem ser consideradas estratégias comunicativas dos falantes nas situações de interação face a face.

No exemplo a seguir, retirado de uma peça de teatro, o falante usa a construção justaposta para expressar alguma recomendação. Um casal viu um homem que estava sendo perseguido pela polícia política e o marido se esconde para que o homem não o veja. A mulher, por sua vez, questiona a atitude do marido, acusando-o de ser comunista. Ele a repreende e diz que se escondeu porque “ se a polícia vê a gente falando com ele é cana na certa”.

(1) Al: Ah, não! O marido da gente vira comunista e a gente nem sabe?

J: Que ista o que!

Al: Então o que é?

J: Entende, barrigudinha, entende! A polícia está atrás dele. Polícia política que é pior, tudo

americano! Eles vê a gente falando com ele é cana na certa!

Al: Já vi que o moleque vai nascê no xadrez! (AS-LD)

(1a) Se eles vê a gente falando com ele é cana na certa!

(Hirata-Vale, 2008, p. 216)

No exemplo a seguir, existe uma sequência temporal dos eventos que compõem a construção paratática aditiva. O falante acredita que, depois que foi para Zona Sul, nada mais aconteceu com ele.

(7) PM: Aí não tem título sobre batida de polícia em morro, tem?

A: Não vejo nada disto, não.

PM: Eu não digo? Uns ceguinhos. A gente vem pra zona sul e tem nada. (PM-LD)

(7a) Se a gente vem pra zona sul, tem nada.

(Hirata-Vale, 2008, p. 218)

Hirata-Vale (2008) acrescenta que as construções paratáticas condicionais são importantes na estratégia discursiva, pois, ao usá-las, o falante apresenta argumentos que defendem seu ponto de vista.

Ao fazer a análise do *corpus*, nota-se que, em todas as ocorrências, a relação de condição se dá somente em orações coordenadas justapostas, como no exemplo da figura 3.21. É possível identificá-la, pois os eventos relacionados favorecem uma interpretação condicional: se o informante tem a terra, ele a aluga para a usina produzir cana, ou seja, só é possível o informante alugar a terra, se antes, ele já a possui. Pode-se fazer a seguinte paráfrase: *Se eu tenho a terra, eu alugo a terra para a usina produzir cana.*

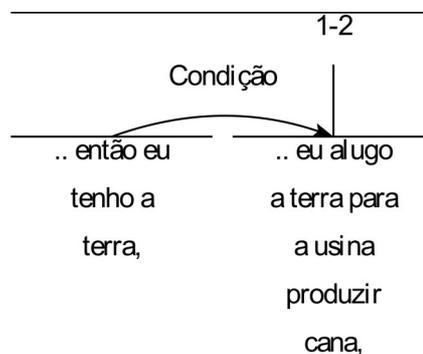


Figura 3.21 – relação de condição entre orações coordenadas justapostas

Como todas as ocorrências encontradas no *corpus* são de orações paratáticas justapostas estabelecendo relação de condição, não há o uso de algum conectivo nesse caso.

As orações paratáticas justapostas que estabelecem a relação de condição no *corpus* desta pesquisa podem formar complexos oracionais compostos por duas, três ou quatro orações, como pode ser observado no quadro 3.10 a seguir.

	N	%
Duas orações	6	60
Três orações	3	30
Quatro orações	1	10
TOTAL	10	100

Quadro 3.10 – frequência de ocorrência em relação à quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de condição no *corpus*

A partir da análise dos dados do quadro 3.10, observa-se que, assim como nas relações de lista e sequência, quanto maior o número de orações em um complexo oracional, menor sua frequência de ocorrência no *corpus*. Observa-se que a preferência dos informantes é por complexos oracionais formados por duas orações (60% das ocorrências), como no exemplo da figura 3.21 (repetido aqui), ao passo que complexos oracionais formados por quatro orações (como do exemplo da figura 3.22) têm frequência de ocorrência de 10%.

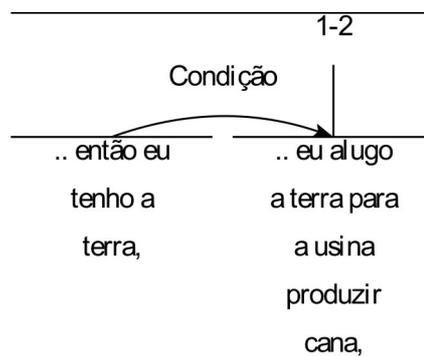


Figura 3.21 – complexo oracional formado por duas orações, em que se estabelece a relação de condição

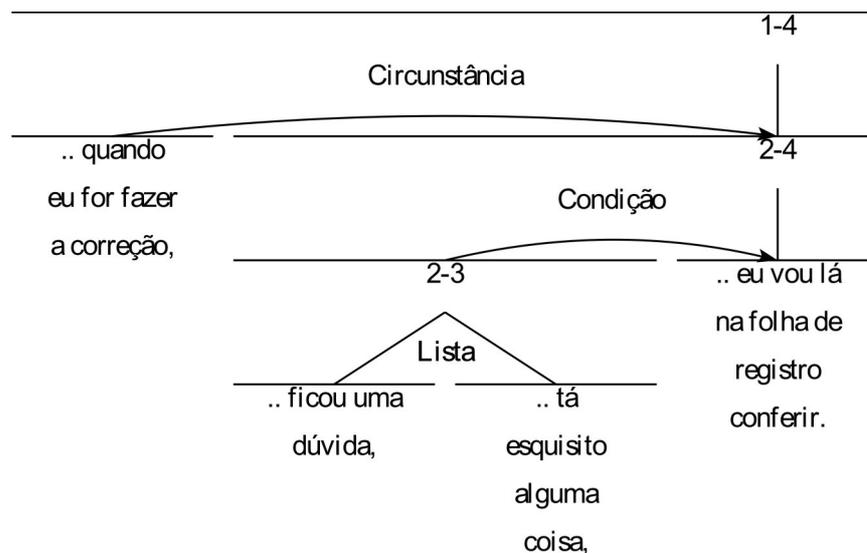


Figura 3.22 – complexo oracional formado por quatro orações, em que se estabelece a relação de condição

No quadro 3.11 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência dos tempos e modos verbais das orações que estabelecem a relação de condição.

	N	%
Pretérito perfeito + presente	4	40
Pretérito perfeito	2	20
Futuro	2	20
Presente	1	10
Pretérito imperfeito	1	10
TOTAL	10	100%

Quadro 3.11 - frequência de ocorrência no que se refere ao tempo e ao modo verbal das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de condição no *corpus*

A frequência de ocorrência mais alta é de complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no presente do indicativo (40%) como no exemplo da figura 3.23.

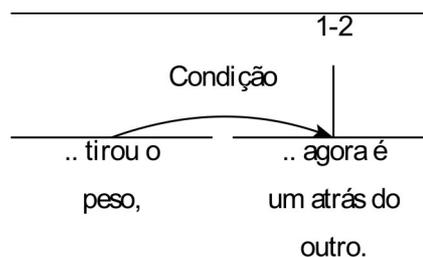


Figura 3.23 – complexo oracional formado por oração no pretérito perfeito e por oração no presente do indicativo

Orações no pretérito perfeito do indicativo, como na figura 3.24, e orações no futuro do indicativo (exemplo da figura 3.25) são responsáveis por 20% das ocorrências cada.

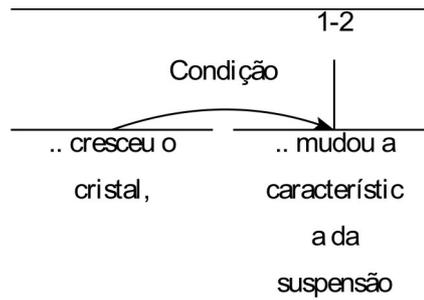


Figura 3.24 - complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo

No exemplo da figura 3.24, tem-se uma ordenação icônica que vai da causa para a consequência, ou seja, se o cristal crescer, ocorre mudança na característica da suspensão, determinando, assim, a relação de condição.

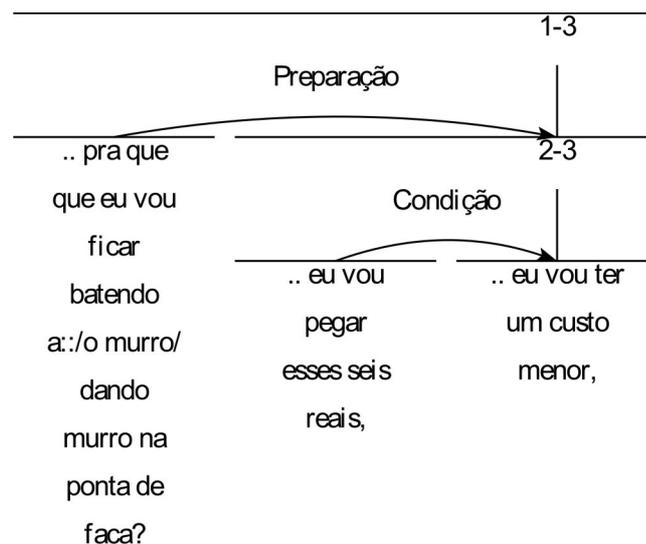


Figura 3.25 - complexo oracional formado por orações no futuro do indicativo

No exemplo da figura 3.25, o professor discute com seus alunos sobre a diferença de custo entre plantar soja convencional e plantar soja transgênica. Enquanto, na primeira, o agricultor tem um custo de dez reais, na segunda, ele tem o custo de seis reais. A relação de condição se estabelece pelo fato do informante relatar que, se ele pegar os seis reais, além do custo ser menor, ele não vai mais ficar tentando repetidas vezes sem sucesso.

Complexos oracionais formados apenas por orações no presente do indicativo (exemplo da figura 3.21, repetido a seguir) bem como complexos oracionais formados por orações no pretérito imperfeito do indicativo (exemplo da figura 3.26) representam 10% das ocorrências cada.

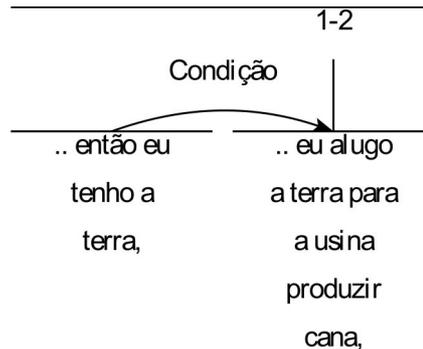


Figura 3.21 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo estabelecendo relação de condição

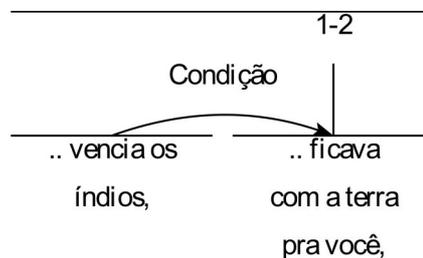


Figura 3.26- complexo oracional formado por orações no pretérito imperfeito do indicativo

A relação de condição, no exemplo da figura 3.26, é firmada pelo fato de que a terra pertenceria àqueles que vencessem os índios.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, observa-se que, em todas as ocorrências da relação de condição no *corpus*, não pode haver comutação entre as orações que compõem os complexos oracionais, isto é, elas são consideradas assimétricas assim como complexos oracionais que estabelecem a relação de sequência. Isso ocorre porque a relação de condição pressupõe a ordenação icônica

que vai da causa para a consequência. É o que pode ser observado no exemplo da figura 3.27 a seguir, em que o informante só poderá guardar a saca com a semente, se antes, ele a plantar e, depois, ele a colher. Ocorre o contrário com a relação de lista, em que todas as ocorrências são simétricas, ou seja, pode haver permuta entre as orações sem que se altere o sentido entre os membros coordenados.

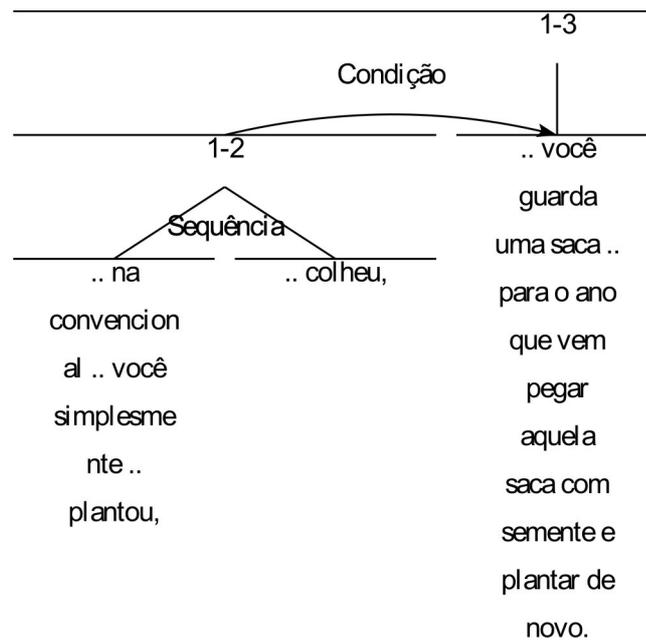


Figura 3.27 – relação de condição entre orações assimétricas

3.3 Relação de resultado

No quadro 3.12 a seguir, apresenta-se a definição da relação de resultado:

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção do falante
Resultado	Sobre S: S é uma ação ou uma situação	N causou S; a apresentação de N é mais central do que a apresentação de S para os propósitos do falante	O destinatário reconhece que N poderia ter causado a situação em S

Quadro 3.12 – Definição da relação de resultado

Taboada (2009) usa o termo marcador discursivo (doravante MD) em sentido lato para se referir a qualquer conjunção, preposição, locução conjuntiva etc que estabeleça relação entre orações ou entre porções de texto. Acrescenta, ainda, que, em geral, os trabalhos sobre proposições relacionais consideram apenas os MDs como marcas formais, deixando de lado outras marcas como tempo, modo, sentido do verbo etc.

Embora os MDs sejam relevantes na investigação da relação de resultado, o objetivo deste trabalho não é realizar uma discussão sobre sua definição. Os conectores *e aí*, *e daí*, *e com isso*, *daí* e *aí* podem ser incluídos nessa categoria, uma vez que são utilizados pelos falantes da língua não apenas com funções canonizadas pela tradição gramatical, mas também com função discursiva, sinalizando que há algum tipo de relação entre as porções de texto ligadas por eles.

O quadro 3.13 a seguir traz a frequência de ocorrência dos MDs que estabelecem a relação de resultado no *corpus*.

	N	%
e aí	9	60
aí	3	20
e daí	1	6,7
daí	1	6,7
e com isso	1	6,7
TOTAL	15	100%

Quadro 3.13 - frequência de ocorrência dos MDs que estabelecem a relação de resultado no *corpus*.

A maior frequência de ocorrência ocorre em complexos oracionais com o MD *e aí* (60%) como no exemplo da figura 3.28, enquanto o uso do MDs *e daí*, *daí* e *e com isso* aparece em menor frequência de ocorrência (6,7% cada) como nos exemplos das figuras 3.29, 3.30 e 3.31, respectivamente.

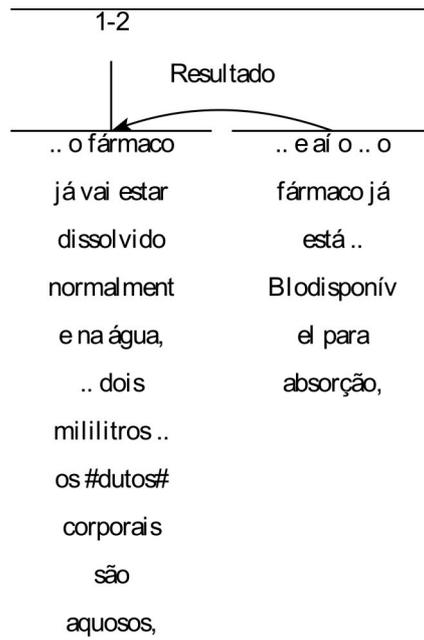


Figura 3.28 - complexo oracional com o MD e *aí* estabelecendo a relação de resultado

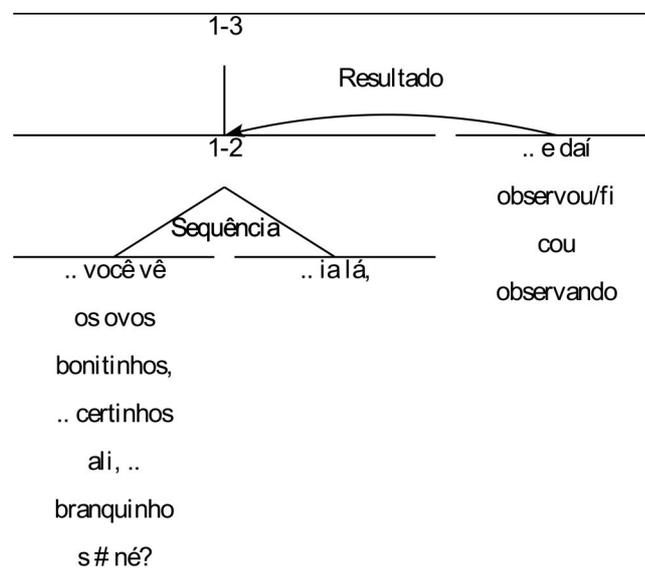


Figura 3.29 - complexo oracional com o MD e *daí* estabelecendo a relação de resultado

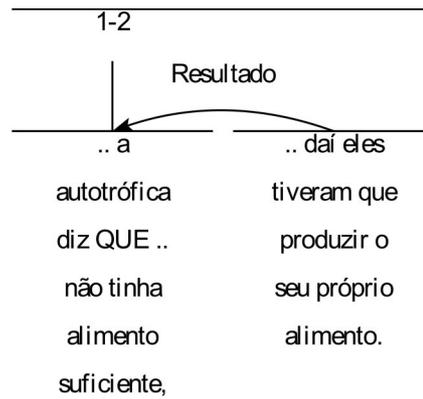


Figura 3.30 – complexo oracional com o MD *daí* estabelecendo a relação de resultado

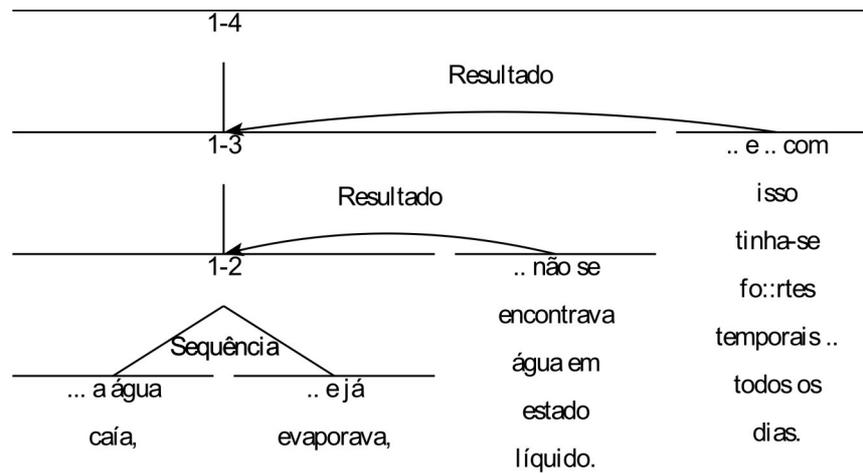


Figura 3.31 – complexo oracional com o MD *e com isso* estabelecendo a relação de resultado

No quadro 3.14 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência das orações investigadas no *corpus*, as quais compõem os complexos oracionais que podem realizar linguisticamente a relação de resultado.

	N	%
Orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas	11	73,3
Orações coordenadas aditivas	4	26,7
TOTAL	15	100

Quadro 3.14 – Frequência de ocorrência das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de resultado no *corpus*

Os complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e por uma oração coordenada aditiva são os mais utilizados pelos informantes do *corpus* para realizar a relação de resultado (73,3% das ocorrências), como no exemplo da figura 3.29 (repetida aqui). No exemplo da figura 3.30 (repetida a seguir), observa-se a relação de resultado sendo estabelecida pela oração aditiva iniciada pelo MD *daí* (26,7% das ocorrências).

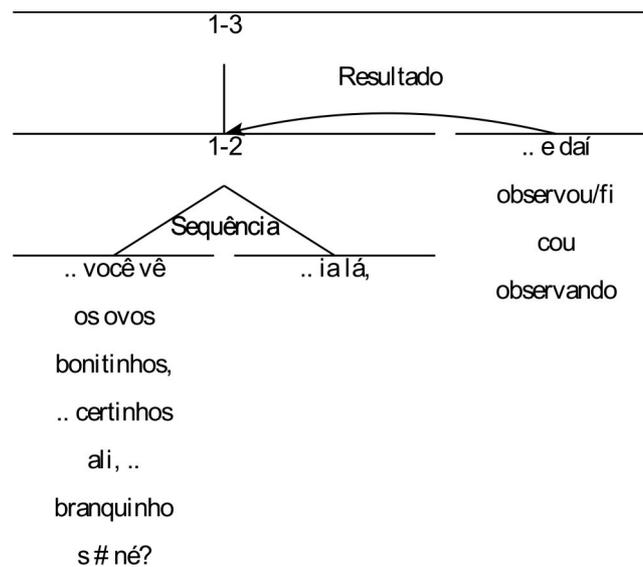


Figura 3.29 - complexo oracional formado por orações coordenadas justapostas e por oração coordenada aditiva estabelecendo a relação de resultado

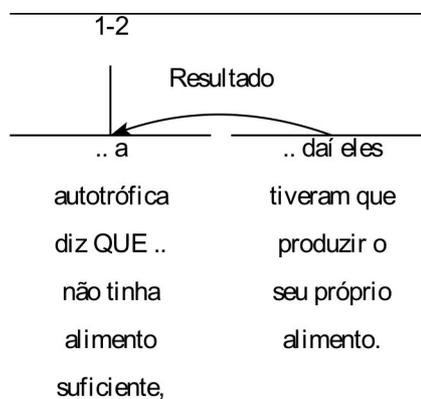


Figura 3.30 – complexo oracional formado por orações coordenadas aditivas com o MD *daí* estabelecendo a relação de resultado

As orações coordenadas aditivas e as orações coordenadas justapostas que realizam linguisticamente a relação de resultado do *corpus* formam complexos oracionais compostos por duas, três, quatro, cinco ou mais orações, como pode ser observado no quadro 3.15 a seguir.

	N	%
Três orações	6	40
Duas orações	4	26,7
Quatro orações	3	20
Cinco ou mais orações	2	13,3
TOTAL	15	100

Quadro 3.15 – frequência de ocorrência em relação à quantidade de orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de resultado no *corpus*

Ao contrário dos dados obtidos nas relações de lista, sequência e condição, que mostraram que, quanto maior o número de orações em um complexo oracional, menor sua frequência de ocorrência no *corpus*, os dados codificados na relação de resultado apresentam um equilíbrio entre as orações dos complexos oracionais. A maior frequência de ocorrência ocorre em complexos oracionais formados por três orações (40%), como no exemplo da figura 3.29 (repetida a seguir), seguida por complexos oracionais formados por duas orações (26,7%), como no exemplo da figura 3.30 (repetida aqui), seguida por complexos oracionais formados por quatro orações (20%) e finalizada por complexos oracionais formados por cinco ou mais orações (13,3%).

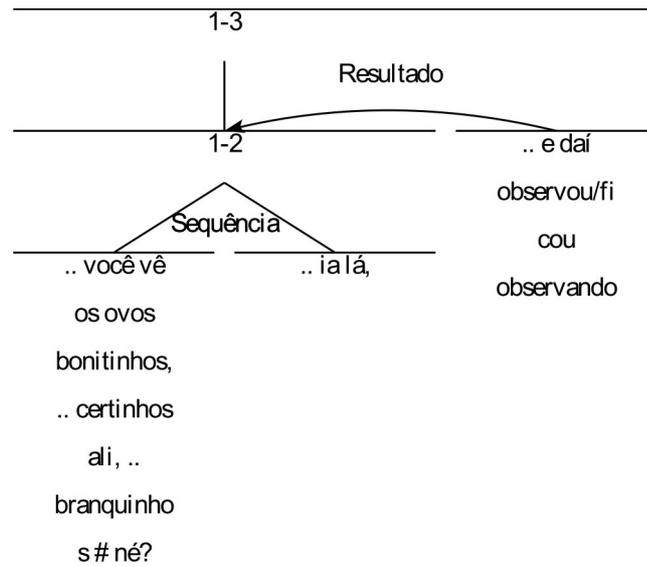


Figura 3.29 - complexo oracional formado por três orações estabelecendo a relação de resultado

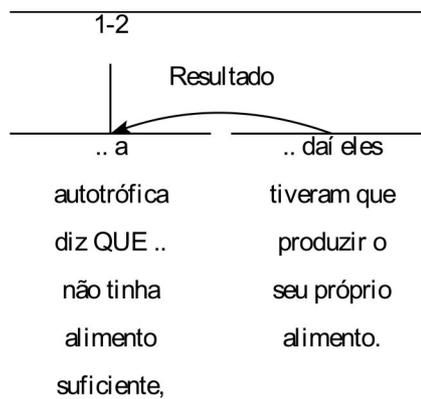


Figura 3.30 – complexo oracional formado por duas orações estabelecendo a relação de resultado

No quadro 3.16 a seguir, apresenta-se a frequência de ocorrência dos tempos e modos verbais das orações que estabelecem a relação de resultado.

	N	%
Presente + Pretérito perfeito	4	26,7
Pretérito perfeito + pretérito imperfeito	4	26,7
Presente	3	20

Pretérito imperfeito	2	13,3
Presente + Futuro	2	13,3
TOTAL	15	100%

Quadro 3.16 - frequência de ocorrência no que se refere ao tempo e ao modo verbal das orações que compõem os complexos oracionais que estabelecem a relação de resultado no *corpus*

A frequência de ocorrência mais alta é a de complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no pretérito perfeito do indicativo (exemplo da figura 3.32), bem como complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no pretérito imperfeito do indicativo (exemplo da figura 3.33), responsáveis por 26,7% das ocorrências cada.



Figura 3.32 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no presente do indicativo estabelecendo relação de resultado

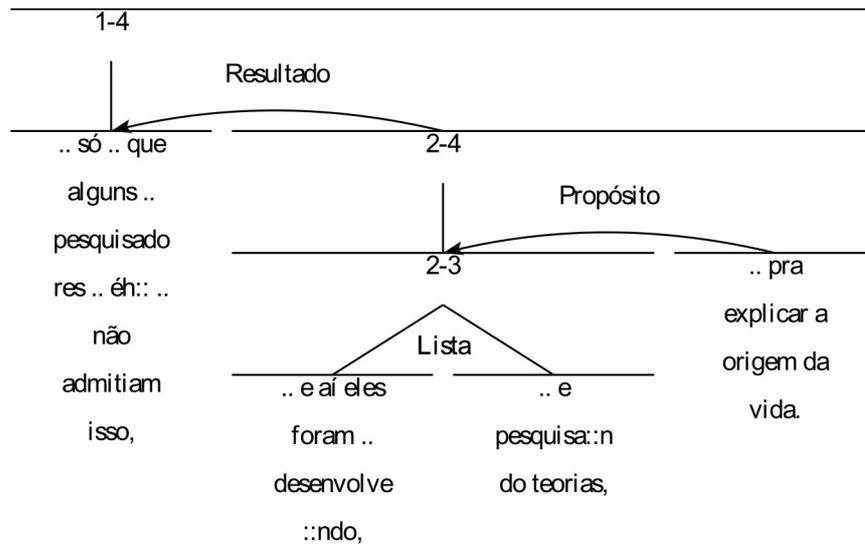


Figura 3.33 – complexo oracional formado por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no pretérito imperfeito do indicativo estabelecendo relação de resultado

Orações no presente do indicativo correspondem a 20% da frequência de ocorrência, como no exemplo da figura 3.34.

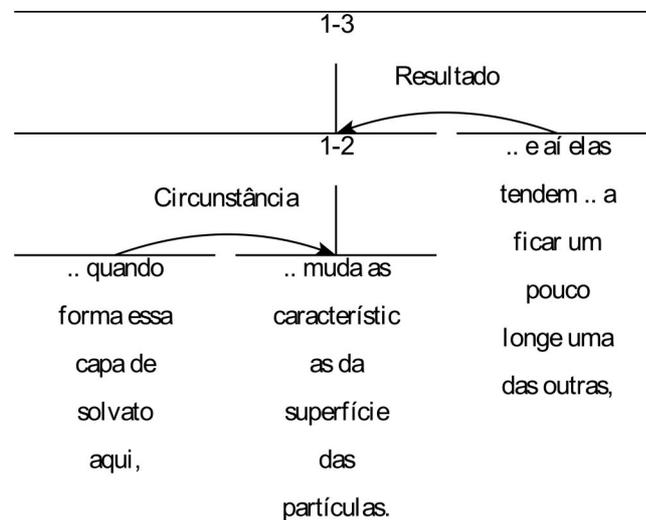


Figura 3.34 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo estabelecendo relação de resultado

Orações no pretérito imperfeito do indicativo, como na figura 3.31 (repetida aqui), são responsáveis por 13,3% das ocorrências, bem como complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no futuro do indicativo (exemplo da figura 3.35).



Figura 3.31 – complexo oracional formado por orações no pretérito imperfeito do indicativo estabelecendo a relação de resultado

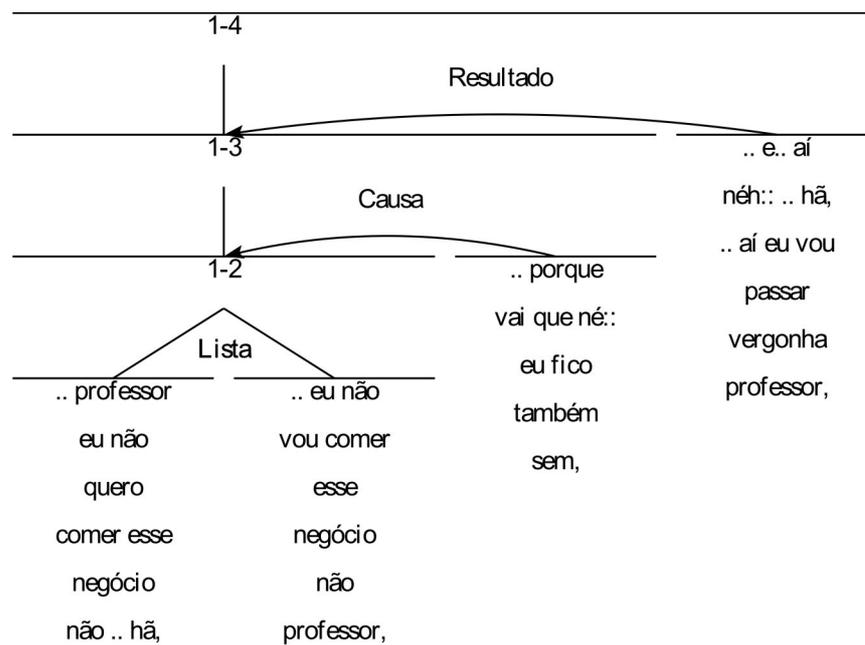


Figura 3.35 – complexo oracional formado por orações no presente do indicativo e por orações no futuro do indicativo estabelecendo relação de resultado

O pretérito aparece praticamente em todas as ocorrências da relação de resultado, porque, na maioria das vezes, o falante está tratando de um evento que ocorreu como resultado de outro, como no exemplo do diagrama 3.31, em que a

mudança das características da superfície das partículas resultou na tendência de elas ficarem mais longe uma das outras.

No que se refere ao parâmetro simetria/assimetria, nota-se que, em todas as ocorrências da relação de resultado no *corpus*, não pode haver permuta entre as orações que compõem os complexos oracionais, ou seja, elas são consideradas assimétricas, pois o evento veiculado por uma oração é resultado do evento veiculado por outra oração. Alterando-se a ordem, não há como identificar qual o evento causador e qual o evento causado. Ocorre o mesmo com a relação de sequência e com a relação de condição e o oposto com a relação de lista.

3.4 Principais características formais das relações investigadas no trabalho

Feita a análise do *corpus*, observam-se algumas semelhanças e algumas diferenças entre as relações investigadas.

A relação de lista é expressa por orações coordenadas aditivas, por orações coordenadas justapostas e por complexos oracionais formados por orações coordenadas aditivas e orações coordenadas justapostas. Observou-se que os complexos oracionais formados por duas orações são os mais frequentes e que o conectivo *e* foi o único utilizado pelos informantes do *corpus* para estabelecer a relação de lista.

A correlação modo-temporal mais utilizada com a relação de lista foi de complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo, pois os eventos coordenados são comparáveis entre si e, por isso, não exigem uma subsequência temporal.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, observou-se que, na relação de lista, pode haver simetria, uma vez que a maioria das ocorrências apresentou essa característica. No entanto, também pode haver ocorrências assimétricas por questões referenciais ou argumentativas.

Ao investigar-se a relação de sequência, constatou-se que ela é formada por orações coordenadas aditivas, por orações coordenadas justapostas e por complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e orações coordenadas aditivas. Os complexos oracionais formados por duas orações são os

mais utilizados pelos informantes do *corpus* e, quando há a adição entre os membros coordenados, fez-se apenas o uso do conectivo *e*.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, todas as ocorrências do *corpus* são assimétricas, ou seja, não pode haver permuta entre as orações sem que se altere o sentido entre os membros coordenados.

Observou-se, também, que, quando o falante relata um evento pretérito (perfeito e imperfeito), ele prioriza a relação de sequência devido à sua necessidade em narrar ou relatar um evento ocorrido que, conseqüentemente, deve seguir a ordem icônica.

A relação de condição, por sua vez, aparece apenas em orações coordenadas justapostas, pois, apesar da coordenação sintática, há uma subordinação semântica com valor causal que permite uma leitura condicional. Essa subordinação semântica é responsável pela assimetria em todas as ocorrências desse tipo de relação no *corpus*.

Complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no presente do indicativo tiveram uma maior frequência para estabelecer a relação de condição (40%). Porém, ao somar os eventos em que ocorrem o pretérito (perfeito e imperfeito), a frequência das ocorrências é de 70%.

Já a relação de resultado é expressa por orações coordenadas aditivas e/ou por complexos oracionais formados por oração coordenada aditiva e por oração coordenada justaposta, uma vez que, para se estabelecer a relação de resultado, é obrigatória a presença dos conectivos *e aí*, *e daí*, *e com isso*, *aí* e *daí* enquanto MDs.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, as orações de resultado são consideradas assimétricas, pois o evento veiculado por uma oração é resultado do evento veiculado por outra oração.

No que se refere ao modo e ao tempo verbal, a preferência dos informantes foi por complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no pretérito perfeito do indicativo, bem como complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no pretérito imperfeito do indicativo (26,7% cada). Observou-se que o evento pretérito aparece em 66,7% das ocorrências, visto que o falante está tratando um evento que ocorreu como resultado de outro.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, procurou-se verificar, à luz da Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST), como as relações retóricas de lista, de sequência, de condição e de resultado são estabelecidas por orações coordenadas aditivas, por orações coordenadas justapostas ou por complexos oracionais formados por oração coordenada aditiva e oração coordenada justaposta. Pretendeu-se, também descrever as marcas linguísticas que podem auxiliar na identificação dessas relações, procurando explicar, a partir do levantamento dos dados, como essas marcas podem ajudar na distinção entre as relações.

Para isso, foi utilizado um *corpus* constituído de cinco elocuições formais pertencentes ao banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná).

Feita a transcrição dos textos e a segmentação das unidades de entonação, foram utilizadas duas ferramentas computacionais para análise dos dados. Com o auxílio da ferramenta *Systemic Coder*, foram quantificados os dados relativos à articulação de orações e, com o uso da ferramenta *RSTTool* elaborou-se os diagramas da estrutura retórica.

No que se refere à frequência de ocorrência das orações investigadas no *corpus*, as quais compõem os complexos oracionais, observou-se que as orações coordenadas justapostas são mais utilizadas pelos informantes para estabelecer linguisticamente a relação de lista (63,4%) e, quando o falante optou por complexos oracionais formados por orações coordenadas aditivas (26,9%), o conectivo *E* foi o único utilizado.

A correlação modo-temporal mais frequente na relação de lista foi de complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo (65,9%). Isso ocorre, porque, na relação de lista, não há subsequência temporal e os elementos coordenados são comparáveis entre si.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, observou-se que, na relação de lista, pode haver simetria, uma vez que a maioria das ocorrências apresentou essa característica. No entanto, também pode haver ocorrências assimétricas. Em um dos casos, houve uma gradação de argumentos, ou seja, o último elemento

coordenado retomava os elementos anteriores. No outro caso assimétrico, os elementos coordenados não puderam sofrer alteração por uma questão referencial.

Na relação de sequência, as orações coordenadas aditivas são mais utilizadas pelos informantes para estabelecer a relação de sequência (62,7%). Essa frequência está relacionada, possivelmente, ao uso de conectivos sequenciadores temporais, uma vez que a relação de sequência pressupõe a subsequência temporal entre os eventos codificados pelas orações.

A correlação modo-temporal mais frequente para se estabelecer a relação de sequência se deu em complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo (49%). Porém, realizando-se a soma das ocorrências em que o evento pretérito (perfeito e imperfeito) ocorreu, tem-se uma frequência de 31,3%. O evento pretérito apareceu em praticamente todas as ocorrências, porque o falante narra ou relata um evento ocorrido que segue a ordem icônica que foi realizado.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, todas as ocorrências da relação de sequência presentes no *corpus* foram consideradas assimétricas, pois, para não alterar o sentido entre os membros coordenados, não pode ocorrer comutação entre eles.

Por sua vez, todas as ocorrências da relação de condição foram expressas por meio de orações coordenadas justapostas. Foi possível fazer uma leitura condicional nas construções paratáticas, pois há um vínculo causal entre as orações responsável pela ordenação icônica.

No que diz respeito à correlação modo-temporal na relação de condição, a frequência foi maior em complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no presente do indicativo (40%). O pretérito tem 70% de frequência de ocorrência, visto que os eventos coordenados obedecem a uma ordenação icônica que vai da causa para a consequência.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, todas as ocorrências da relação de condição presentes no *corpus* foram classificadas como assimétricas, porque há uma subordinação semântica causal entre os membros coordenados.

E, por fim, a relação de resultado teve uma maior frequência em complexos oracionais formados por orações coordenadas justapostas e por uma oração coordenada aditiva (68,8%). A adição entre orações que estabeleceram a relação de resultado foi marcada pelo uso de marcadores discursivos, a saber: *e aí*, *e daí*, e *com isso*, *aí* e *daí*.

No que se refere à correlação modo-temporal, a preferência dos informantes foi por complexos oracionais formados por orações no presente do indicativo e por orações no pretérito perfeito do indicativo, bem como complexos oracionais formados por orações no pretérito perfeito do indicativo e por orações no pretérito imperfeito do indicativo (26,7% cada). O evento pretérito apareceu em 66,7% das ocorrências, pois o falante está tratando um evento que ocorreu como resultado de outro.

Em relação ao parâmetro simetria/assimetria, todas as orações de resultado são consideradas assimétricas - o evento veiculado por uma oração é resultado do evento veiculado por outra oração. Não houve alguma ocorrência com dependência sintática.

Embora a identificação das proposições relacionais deva se basear apenas em critérios funcionais (MANN & THOMPSON, 1988), a identificação de marcas caracterizadoras das relações retóricas pode ser muito útil não apenas para o trabalho de descrição linguística, mas também para o ensino de escrita e para a geração e sumarização automática de textos. Dessa forma, há necessidade de se empreender outras investigações desse tipo para descrever como tantas outras relações retóricas se manifestam linguisticamente. Também é importante que esses estudos levem em conta os mais diversos gêneros textuais, nas modalidades de língua oral e escrita. Uma futura investigação poderia, por exemplo, comparar os resultados obtidos nesta pesquisa, desenvolvida em um *corpus* de língua falada, com resultados obtidos em outro gênero da língua escrita para verificar se a manifestação linguística dessas relações é a mesma em gêneros diferentes e em modalidades diferentes. Espera-se, portanto, que os resultados obtidos com este trabalho sirvam de base para aplicações práticas da RST e estimulem trabalhos semelhantes com outras relações retóricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, J.D. Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português. Araraquara, 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras/ Unesp/ Araraquara.

_____. O texto como objeto de estudo na linguística funcional. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro (orgs) *O texto como objeto de ensino de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Ed, da Universidade Estadual de Maringá, 2009a.

_____. Os usos do agora em elocuições formais e em entrevistas orais. *Revistas da Linguagem*, v. 17, p. 189-214, 2009b.

_____. Funções das relações retóricas no estabelecimento da coerência e na interação: um exercício de análise em textos orais (no prelo).

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

BUTLER, Christopher. Functional approaches to language. In: BUTLER, C.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M.L.A. and DOVAL-SUÁREZ, S.M. (eds) *The Dynamics of Language Use: Functional and Contrastive Perspectives*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 3-17.

CAMACHO, R.G. Estruturas Coordenadas Aditivas. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

CASTILHO, A.T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. S. Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987. p. 21-51.

Chomsky, N. *Syntactic structures*. The Hague, Mouton & co, 1957.

COSTA, M.A. Estruturalismo, In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org) *Manual de Lingüística*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora LTDA, 1983.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj : DP&A, 2003.

DIK, Simon C. *Functional grammar*. Dordrecht-Holland/Cinnaminson-EUA: Foris Publications, 1978.

- _____. *The Theory of Functional Grammar*. Holanda: Ed. Foris Publications, 1989.
- _____. **The theory of Functional Grammar**. Part II: Complex and derived constructions. Berlin- New York: Mouton de Gruyter. 1997.
- FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org) *Manual de Lingüística*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- FURTADO DA CUNHA, M.A ; RIOS DE OLIVEIRA, M, ; MARTELOTTA, M.E. (orgs) *Lingüística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.
- GIVÓN, T. Syntax: a functional-typological introduction, Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- HALLIDAY, M.A.K. Explorations in the Functions of Language. Londres: Edward Arnold, 1973.
- _____. Introduction. In: HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1985.
- HARRIS, Martin. The historical development of si-clauses in Romance. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs et al. (Eds.) *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 265-284.
- HIRATA-VALE, F. A condicionalidade em construções paratáticas: um uso argumentativo. *Revista: Estudos Linguísticos*, v. 37, p. 213-222, 2008.
- HOPPER, P.J. & TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org) *Manual de Lingüística*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- KOCH, I.G.V.; SOUZA E SILVA, M.C.P. *Atividades de composição do texto falado: a elocução formal*. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. v. IV: Estudos Descritivos. Campinas/ S. Paulo: Ed. Da Unicamp/ FAPESP, 1996. p. 379-410.
- KOCH, I.V. Lingüística do Discurso: o salto qualitativo. In: **Anais do II Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná**. Londrina: UEL, 1988. p. 200-212.
- MANN, W.C; THOMPSON, S.A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization 8 (3): 243-281, 1988.
- MARTELOTTA, M.E.; AREAS, E.K.A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M.A.F.; OLIVEIRA, M.R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística funcional . teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra. The structure of discourse and “subordination”. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

_____. As conjunções coordenativas. In: _____ (org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. 7, p. 739-786.

_____. Gramática de usos do Português. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

_____. A gramaticalização e a organização dos enunciados. Revista SCRIPTA – revista do programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas, v.5, p. 13-22, 2º sem. 2001.

_____. Discurso e gramática no funcionalismo. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

_____. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. S. Paulo: Contexto, 2004.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual review of Anthropology**, v. 43, 1984, p. 97-117.

PEZATTI, E.G. O Funcionalismo em Lingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs) *Introdução Lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

PEZATTI, E.G.; LONGHIN-TOMAZI, S.R. As construções coordenadas. In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Classes de Palavras e Processos de Construção*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

PRETI, D.(org.) *Análise de Textos Oraís*. S. Paulo: FFLCH / USP, 1993.

TABOADA, M; GÓMEZ-GONZALEZ, M.L.A. Coherence relations in Functional (Discourse) Grammar. In: MACKENZIE, J.L.; GÓMEZ-GONZALEZ, M.L.A. *Studies in Functional Discourse Grammar*. Berne: Peter Lang. p 227-259, 2005.

TABOADA, M; MANN, W.C. Applications of Rhetorical Structure Theory. *Discourse Studies* 8(4): 567-588, 2006.

TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. In: RENKEMA, J. (Ed.) *Discourse, of course*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 127-140.

VAN VALIN, R.D., JR. Functional linguistics. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (eds.) *The handbook of linguistics*. Malden. Blackwell Publishers, 2002. p.250-263.

ANEXO A

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

#	incompreensão de palavras ou segmentos
(hipótese)	hipótese do que se ouviu
/	truncamento
MAÍUSCULAS	entonação enfática
::	prolongamento de consoante ou vogal
-	silabação
?	interrogação
.	entonação descendente (indicando final de frase)
,	entonação ascendente ou estável (indicando continuação)
..	pausa com retomada instantânea do fluxo da fala
...	pausa (quanto maior o número de pontos, mais longa a pausa)
“citações”	citações literais
<i>itálico</i>	pronúncia muito rápida das palavras